



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

**RAFAEL BARROS DE SOUSA**

**PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA INOVADORAS:  
UMA EXPERIÊNCIA COM POESIA DE CORDEL E JOGO SÉRIO  
NA ESCOLA DO CAMPO**

**SUMÉ-PB**

**2017**

**RAFAEL BARROS DE SOUSA**

**PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA INOVADORAS:  
UMA EXPERIÊNCIA COM POESIA DE CORDEL E JOGO SÉRIO  
NA ESCOLA DO CAMPO**

**Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo, do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Educação do Campo, com habilitação em Linguagens e Códigos.**

**Orientadora: Professora Doutora Valéria Andrade  
Coorientador: Professor Dr. Marcelo Alves de Barros**

**SUMÉ-PB**

**2017**

S725p Sousa, Rafael Barros de.

Práticas de leitura e escrita inovadoras: uma experiência com poesia de cordel e jogo sério na escola do campo. / Rafael Barros de Sousa. - Sumé - PB: [s.n], 2017.

74 f.

Orientadora: Professora Dra. Valéria Andrade.

Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Licenciatura em Educação do Campo.

1. Leitura e escrita. 2. Incentivo à leitura. 3. Aplicativo educativo. I. Título.

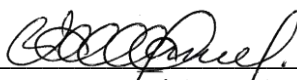
CDU: 028.1(043.1)

**RAFAEL BARROS DE SOUSA**

**PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA INOVADORAS:  
UMA EXPERIÊNCIA COM POESIA DE CORDEL E JOGO SÉRIO  
NA ESCOLA DO CAMPO**

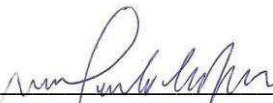
Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Educação do Campo, com habilitação em Linguagens e Códigos.

**BANCA EXAMINADORA**



---

**Professora Dra. Valéria de Andrade**  
Orientadora (UAEDUC/CDSA/UFCG)



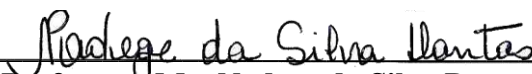
---

**Professor Pós-Doutor Marcelo Alves de Barros**  
Coorientador (DSC/CEEI/UFCG)



---

**Professora Dra. Mônica Martins Negreiros**  
Examinador I (UAEDUC/CDSA/UFCG)



---

**Professora Ma. Nadege da Silva Dantas**  
Examinador II (UAEDUC/CDSA/UFCG)

**Trabalho aprovado em: 20 de Setembro de 2017**

**SUMÉ - PB**

*Dedico este trabalho à minha mãe Rita Barros, à minha tia Lúcia Sousa, à minha avó Inácia Barros e ao meu avô João Pereira, mais conhecido como Joãozinho (In memoriam) e à minha tia Socorro conhecida como Corrinha (In memoriam). A minha eterna gratidão, por todas as palavras, broncas e incentivos. E a todos aqueles que acreditam que a educação pode transformar o mundo.*

## AGRADECIMENTOS

Torna-se até clichê e repetitivo iniciar os agradecimentos dessa forma: “Agradeço primeiramente a Deus” mas, a quem primeiramente se não a Ele, que tudo pode, que tudo vê, que tudo sabe? Sim, a Deus, que nos momentos durante os quais me senti incapaz, ele me capacitou, nas mais adversas situações, senti sua mão amiga e seu apoio. Obrigado, meu Deus, sem ti, nada seria possível.

Agradeço, de todo meu coração, a minha família, que, apesar de todas as dificuldades, configura-se como o meu bem mais precioso e o alicerce que me sustenta, obrigado pai (Genival de Sousa), obrigado mãe (Rita Maria Barros de Sousa), amo vocês.

Serei sempre grato aos meus irmãos, independentemente de brigarmos, são muito importantes pra mim (Simone, Camila e Gabriel), amo muito vocês. Meus sinceros agradecimentos à minha família EJC, um grato presente enviado por Deus para minha vida. Tenho que agradecer a quem duvidou de mim, quem me lançou pedras e achava que, por causa disso, eu iria desistir, pelo contrário, só fortaleceu e assanhou o formigueiro da determinação, o qual se espalhou e realizou pequenas e grandes coisas durante toda minha vida, em especial, nos quatro anos de graduação. Com as pedras ladrilhei uma linda estrada acadêmica. Foram quatro anos árduos e profícuos, costumo dizer que vivi quarenta anos em quatro.

Agradeço aos poucos e bons amigos/as que a vida acadêmica me apresentou, a vocês o meu abraço apertado e fraterno. Agradeço aos professores/as pela paciência e zelo com esta profissão digna e tão essencial para a sociedade, sociedade esta que não valoriza a profissão docente. A docência é um sacerdócio e sabemos das adversidades e lutas a serem travadas, porém, quem não corre riscos, não realiza e não motiva outros sonhos nos próximos ao nosso redor. Certamente levarei um pouco de cada um de vocês para minha futura vida profissional enquanto, orgulhosamente, EDUCADOR DO CAMPO.

Deixo meus agradecimentos a todos os coordenadores dos projetos dos quais participei, PIBID Diversidade, na pessoa da professora Maria do Socorro Silva, um grande exemplo como professora, a ela os meus mais sinceros agradecimentos. Aos professores Marcus Bessa e Nahum Isaque (Prolcariri e Pré-Vestibular Solidário da UFCG), pelos quais tenho um grande apreço, carinho e respeito. À professora Mônica Martins Negreiros (Coordenadora do Projeto de Extensão Práticas de Linguagens: Leitura e Escritas Criativas),

pela paciência, confiança e carinho, qualidades com as quais sempre me apresentou durante este percurso de aulas e projetos, de antemão, agradeço as contribuições e disponibilidade em participar da banca como examinadora. Agradeço à professora Nadege Dantas, pessoa de um astral inabalável, de uma alegria contagiante, sempre verdadeira e paciente, obrigado, pela pessoa que você é, e por tudo que significa na minha vida acadêmica, minha eterna gratidão pelas contribuições conferidas ao meu trabalho de conclusão de curso.

Gratidão à minha orientadora, professora Valéria, que embarcou nessa missão que foi esta orientação, muito obrigado, pelas melhores aulas de literatura que um discente poderia ter tido, também gostaria de agradecer à coorientação do professor Marcelo Barros, do Atelier de Computação e Cultura da Unidade Acadêmica de Sistemas e Computação da UFCG, Campus de Campina Grande, que, sem dúvidas, contribuiu para que este trabalho fosse realizado, trabalhando leitura, escrita e tecnologias, a fim de melhorar a educação e contribuir satisfatoriamente para uma educação do campo, com qualidade e respeito que os povos do campo merecem. Aos professores da UAEDUC, aos/às técnicos/as, secretárias e demais funcionários que sempre foram muito cordiais e colaborativos, aos meus colegas de sala da turma 2013.1, a todos, sem exceção, sempre foram e sempre serão muito importantes para mim, aos outros colegas de outros períodos da LECAMPO, com os quais jamais imaginaria criar vínculos tão fortes, e aos alunos/as de outros cursos que sempre me trataram com respeito e carinho, estejam certos de que esse tratamento sempre foi recíproco. Um agradecimento especial às professoras parceiras das experiências que estão contidas neste trabalho, ambas professoras de Língua Portuguesa: Irma (Escola Pe. Paulo) e Patrícia (Escola Presidente Vargas), que o percurso e a missão de vocês sejam regados de muitas glórias, e sei que será, por conta do respeito e dedicação, qualidades com as quais vocês tratam a profissão docente. Minha gratidão à Poliana, Diretora da Escola Pe. Paulo, que sempre me tratou tão cordialmente e sempre me recebeu com muita prestatividade. Encerrarei citando o nome de quatro professoras que deixaram o CDSA para atuar em outras instituições de ensino, mas, que, com um profissionalismo ímpar, cativaram-nos e serão sempre lembradas como um grande exemplo: Professora Idel Lima, Professora Ceíça Miranda, Professora Patrícia Costa e Professora Sônia Lira, atualmente afastada para capacitação, a qual me motivou e trouxe inspirações filosóficas, despertando em mim o gosto e a curiosidade pela filosofia. Muito obrigado, por tudo.

É chegada a hora de fechar um ciclo para que outro possa se iniciar, deixo essas poucas linhas com a sensação de dever concluído, sabendo que a luta e a busca constante por uma educação libertadora e de qualidade começa agora.



### ***Humildade***

*Senhor, fazei com que eu aceite  
minha pobreza tal como sempre foi.*

*Que não sinta o que não tenho.  
Não lamente o que podia ter  
e se perdeu por caminhos errados  
e nunca mais voltou.*

*Dai, Senhor, que minha humildade  
seja como a chuva desejada  
caindo mansa,  
longa noite escura  
numa terra sedenta  
e num telhado velho.*

*Que eu possa agradecer a Vós,  
minha cama estreita,  
minhas coisinhas pobres,  
minha casa de chão,  
pedras e tábuas remontadas.  
E ter sempre um feixe de lenha  
debaixo do meu fogão de taipa,  
e acender, eu mesma,  
o fogo alegre da minha casa  
na manhã de um novo dia que começa.*

***Cora Coralina***

## RESUMO

Este trabalho de pesquisa tem por objetivo reconhecer e promover a importância da leitura como objeto de múltiplos benefícios para a convivência social, enaltecendo sua importância e revelando uma grande preocupação para a sociedade contemporânea. Com o advento das novas tecnologias, a falta de gosto pela leitura torna-se um problema que precisa ser debatido e encarado de frente, para que possíveis soluções possam ser lançadas a fim de sanar ou amenizar a inferiorização da leitura de vários gêneros textuais e, em específico, a do texto literário, entre eles, os folhetos de cordel, de uma perspectiva meramente instrumental que desconsidera a possibilidade da leitura como algo bom e prazeroso para o educando. Diante desta problemática, vislumbra-se a construção de pontes entre a literatura de cordel e as novas tecnologias, tão próximas dos/as alunos/as. A experiência visou promover o diálogo entre as práticas leitoras e as tecnologias, a partir da intervenção em dois grupos de mesma série, de escolas diferentes, aplicando-se o mesmo conteúdo. No grupo de controle, foram feitas apenas observações para analisarmos as variantes de engajamento, participação e etc. No grupo de estudo, promovemos momentos de leitura de cordel, releituras e discussões acerca de problemas sociais que pudessem ser solucionados a partir de ações em consonância com as tecnologias e a leitura de folheto de cordel. Realizadas essas ações com folhetos e o suporte do jogo sério, comparou-se as práticas que um grupo e outro vinham desenvolvendo, revelando que o grupo de estudo que participou das ações de leitura e experiências tecnológicas de jogos sérios, demonstrou um despertar pra questões sociais, desencadeando um interesse pela literatura de cordel.

**PALAVRAS-CHAVE:** Leitura. Literatura de Cordel. Tecnologias. Jogo Sério

## **ABSTRACT**

This research aims to recognize and promote the importance of reading in multiple benefits for social coexistence, to emphasize your importance and revealing a great concern for contemporary society. With the advent of new technologies, lack of taste for reading becomes a problem that needs to be debated and taken forward, so that possible solutions may be released in order to remedy or mitigate the inferiorization of several text genres and, in specific the literary text, among them, the cordel booklets, a merely instrumental perspective that disregards the possibility of reading as something good and pleasurable to the learner. On this issue, there is the building of bridges between the cordel literature and new technologies, so close of students. The experiment aimed to promote dialogue between readers and technology practices, from intervention in two groups of the same series, from different schools, applying the same content. In the control group, were made only notes to look at variants of engagement, participation and etc. In the study group, we promote reading moments of twine, readings and discussions about social problems that could be solved from actions in line with the technologies and the reading of the string. Performed these actions with leaflets and the serious game, compared the practice to a group and another came, revealing that the study group that participated in the actions of reading and technological experiences of serious games, demonstrated an awakening to issues social, triggering an interest by the cordel literature.

**KEY WORDS:** Reading. Cordel literature. Technologies. Serious Game

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2</b>	<b>LITERATURA E INOVAÇÃO: CORDEL, LEITURA E JOGO SÉRIO NA SALA DE AULA</b> .....	16
2.1	QUAL A IMPORTÂNCIA DA LEITURA? .....	16
2.1.2	A leitura literária em sala de aula .....	20
2.1.3	O leito-autor .....	26
<b>2.2</b>	<b>O CORDEL E O ENSINO: REFLEXÕES</b> .....	30
<b>2.2.1</b>	<b>Breve histórico sobre o cordel</b> .....	30
<b>2.2.2</b>	<b>O cordel em sala de aula</b> .....	33
2.3	O JOGO SÉRIO EM SALA DE AULA .....	38
<b>2.3.1</b>	<b>As tecnologias no espaço escolar</b> .....	39
<b>2.3.2</b>	<b>Ler, brincar e aprender</b> .....	41
<b>2.3.3</b>	<b>O jogo sério como aliado na sala de aula</b> .....	43
<b>2.3.4</b>	<b>A plataforma LerAtoS de gamificação da leitura</b> .....	45
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	48
<b>4</b>	<b>RELATO DA EXPERIÊNCIA</b> .....	52
4.1	OBSERVAÇÕES E ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO GRUPO DE ESTUDO.....	52
4.2	OBSERVAÇÕES NA SALA DE AULA DO GRUPO DE CONTROLE 7º ANO “A” .....	56
4.3	O JOGO CORDELWHATS.....	59
<b>5</b>	<b>AVALIAÇÃO DE IMPACTOS DO JOGO CORDELWHATS</b> .....	63
	Tabelas, gráficos, fotos, depoimentos etc. ....	
<b>6</b>	<b>CONCLUSÕES: DISCUSSÃO E PROPOSTAS DE CONTINUIDADE</b> ....	70
	REFERÊNCIAS .....	72

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso intitulado: PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA INOVADORAS: UMA EXPERIÊNCIA COM POESIA DE CORDEL E JOGO SÉRIO NA ESCOLA DO CAMPO tem como objetivo problematizar vários aspectos relacionados à leitura e à escrita, ressaltando uma preocupação muito pertinente em uma sociedade efetivamente conectada. Como seria possível desenvolver e fomentar cotidianamente a leitura e a escrita, desenvolvendo estratégias para que esses atos não se tornem algo meramente mecânico, com relação à realidade virtual dos alunos que compõem uma sociedade com níveis de interação com a internet e as tecnologias muito fortes. Promover momentos de leitura nas escolas tem se tornado um dos grandes desafios para os educadores do nosso tempo, e é justamente aí que se deve subsidiar-se das tecnologias para que as práticas pedagógicas possam ser fortalecidas, unindo o útil ao agradável, devido ao acesso tecnológico que os discentes possuem atualmente.

A leitura é muito importante para a formação crítica e reflexiva dos cidadãos, se for trabalhada como elemento essencial para o conhecimento humano. Alguns profissionais da educação apenas enxergam a leitura como uma mera porta de acesso a conhecimentos gramaticais, ceifando o seu verdadeiro valor, enquanto emancipadora de sujeitos pensantes, os quais saberão dos seus direitos e dos seus deveres através do ato de ler. Esse posicionamento de profissionais e instituições que gerenciam a educação se dá muito mais no sentido do texto literário, este que não tem um espaço de igualdade com outros conteúdos e conhecimentos empreendidos na célula escolar, porém, se a escola não fomenta essa aproximação da literatura e de outros gêneros textuais para com seus alunos, dificilmente estes alunos se tornarão leitores fluentes e reflexivos, no máximo, serão meros decodificadores.

Refletindo o papel da leitura, em específico da leitura literária, subsidiamos-nos da literatura de cordel que é um elemento simples de se compreender, de baixo custo e, ao mesmo tempo, muito rico, dentro das abordagens temáticas que os poetas/escritores evidenciam com o trabalho de produção dos folhetos de cordéis, assim, contextualizando e valorizando o trabalho desses desbravadores e resistentes artistas brasileiros, que devem ser trabalhados juntamente com os grandes nomes da nossa literária, a fim de preconizar a valorização da nossa cultura, respeitando-a e levando-a aos alunos como um aspecto importante a ser trabalhado em sala de aula. E a tecnologia visa manter a chama acesa dos jogadores que não se deixam abater por uma derrota, buscando motivação para continuar construindo conhecimento, os alunos/as e professor/as precisam ser jogadores que buscam

vencer seus desafios, medos e incertezas, cotidianamente. Pensando nesse empoderamento leitor/jogador, o cordel surge na plataforma LerAtos como CordelWhatts, inspirando e instigando os jogadores/leitores a utilizarem a tecnologia para avanços na aprendizagem, a saber, na leitura e na escrita como suporte de ideias, comunicação e conhecimento.

No capítulo 2 apresentamos a fundamentação teórica, iniciada com uma proposta de reflexão acerca da importância da leitura, mensurando essa importância a partir de referências de autores como: Freire, Villardi, Silva, entre outras contribuições referenciais. No tópico correspondente à leitura literária em sala de aula, ressaltamos a importância de sua entrada pela porta da frente da escola, ponderando acerca da desvalorização e má utilização do texto literário na escola, subsidiando-nos de autores como: Antonio Candido, que disserta acerca do valor que a literatura tem à frente da vida do leitor, revelando sua grande importância: “parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito”. Os alunos têm o direito a ter acesso às obras, lendo-as na íntegra e não apenas em fragmentos, que tolhem a essência da literatura fundada na promoção do prazer estético e da construção de conhecimento. Nesse sentido, Todorov discute sobre a questão pragmática que atinge o ensino de literatura, evidenciando a importância de se vivenciar as obras através da leitura.

Encaminhando para o trabalho com o texto literário em sala de aula, refletiu-se sobre a responsabilidade do professor nesse processo de democratização do texto literário, ressaltando sua importância como explicita Neves, de que o professor é o responsável pelos textos que serão trabalhados nas aulas de literatura, estando na linha de frente como um motivador, um reflexo para seus/suas alunos/as. Abordamos ainda, nesse mesmo ponto, a questão da leitura performática, baseada por reflexões de Oliveira, Grazioli e Zumthor, que trazem considerações acerca de uma modalidade de leitura na qual o aluno vive e dá vida ao texto lido em voz alta, colorindo e incorporando os sentidos do texto na vida e em seus meios de comunicação como a fala.

A relação entre leitor e autor é evidenciada no tópico seguinte, abordando as contribuições da fenomenologia e da estética da recepção, ambas visando maturar pensamentos e promovendo reflexões importantes acerca das contribuições de quem lê uma obra literária. O leitor é aquele que dá sentido e vida à obra, um livro parado em uma estante é apenas um objeto, a partir das contribuições leitoras amplia-se a funcionalidade do livro e do ato de ler, já que um texto ganha vida efetiva quando o leitor o lê. Neste sentido, embasamos nossa discussão nas reflexões de autores como: Jauss, Rosseto, Costa e Aguiar, a partir dos

quais o leitor assume seu lugar como elemento importante no sistema literário (Autor/Obra/Leitor).

Outro tópico contemplado em nossa pesquisa refere-se à fomentação da leitura frutiva e prazerosa, tomando como ponto de partida as relações entre poesia de cordel e ensino, gerando reflexões a partir de explanações em torno do surgimento do cordel no Brasil, dissertando sinteticamente com relação a um breve histórico do cordel em nosso país. Partindo dessa indagação histórica, foi o momento de pesquisar e dissertar sobre o cordel em sala de aula, quais as contribuições e implicações que esta produção literária traz, pode viabilizar tanto para as vivências escolares como para promoção de mudanças sociais, utilizamos aporte teórico de autores como Pinheiro, Galvão, Zóboli e Zumthor.

Na seção “O jogo sério em sala de aula”, discorremos sobre as tecnologias no espaço escolar, pensando-as não como vilãs, mas aliadas, desde que abordadas de forma ponderada e assertiva, tendo em conta as ideias de Prensky, que em suas discussões acerca das relações entre professores e recursos tecnológicos de abordagens pedagógicas, elaborou os conceitos de imigrantes digitais e nativos digitais, em referência, respectivamente, a professores e alunos contemporâneos. Em um dos tópicos referentes ao jogo sério como um aliado em sala de aula, tratamos da brincadeira e sua importância para o estímulo e a construção de conhecimento. Neste sentido, refletimos sobre contribuições psicológicas com relação às brincadeiras que socializam e apontam para uma metodologia que deve ser pensada para o trabalho em sala de aula, buscamos nos referenciar no pensamento de filósofos como Platão, que sugere a brincadeira como uma atividade necessária ao desenvolvimento social e cognitivo da criança e nas concepções de autores como: Froebel, que indica a brincadeira como um ato natural da criança, portanto, trazendo muitos benefícios aos alunos que tenham acesso ao conhecimento através de jogos. Finalizando a parte que corresponde ao aporte teórico, em consonância com os nossos objetos pesquisados, trouxemos considerações relacionadas aos jogos em sala de aula, o jogo que visa o trabalho com a realidade alternada, lançando missões e estimulando as experiências leitoras/jogadoras em nossos/as alunos/as. Trouxemos posicionamentos e contribuições de Jane McGonigal, que defende o jogo como um recurso metodológico e pedagógico para transformar uma realidade social a partir das motivações e das missões empreendidas por meio dessa ferramenta. McGonigal não lança a propositura de jogo apenas para motivar alunos/as, mas também, ou primeiramente, professores/as, ressaltando a figura importante do professor/a para que, prioritariamente,

sejam motivados/as, engajados/as e comprometidos/as, sabendo dos desafios e da necessidade de motivação para estes profissionais.

No capítulo 3, trouxemos a metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa, baseada em um estudo experimental envolvendo dois grupos de estudantes (um grupo chamado de “controle” e o outro de “estudo”), visando à aplicabilidade de atividades que gerenciassem a inserção da literatura de cordel e a aplicação do jogo sério, subsidiado de atividades do mundo real para o virtual e vice-versa. Pensando metodologicamente, evidenciamos os instrumentos para a coleta de dados, os procedimentos para coletá-los e analisá-los.

Finalizamos com o relato da experiência que, como já explicitado em alguns tópicos, desde o título do trabalho, até as seções que compõem a fundamentação teórica, girou em torno da experiência em promover momentos de leituras e escritas inovadoras, baseada pela inserção da literatura de cordel em sala de aula, aliada ao aporte tecnológico do jogo de realidade alternada. A proposta foi desenvolvida na Escola Padre Paulo Roberto de Oliveira (Grupo de Estudo), onde desenvolvemos momentos de interação entre os folhetos de cordel, visando refletir acerca das leituras empreendidas, assim como trabalhando a tecnologia para aproximar um suporte textual do outro, e elegemos como grupo de controle uma turma de estudantes da Escola Presidente Vargas, que foi o campo da observação, para que pudéssemos comparar um desenvolvimento pedagógico baseando através de variáveis pré-estabelecidas (Elementos pedagógicos/Literatura de Cordel e Jogo sério, assim como as variáveis/preguiça, engajamento, vontade por permanecer e participar das atividades), tornando-as elementos diferenciais com relação ao grupo de controle que permanecia na metodologia da aula expositiva sem o subsídio do cordel e do jogo sério. Promover atividades de fomentação leitora articuladas a novos recursos metodológicos pode gerar pequenas alterações visando-se transformações amplas na educação institucionalizada e social, e é nesse sentido que a nossa pesquisa encontra sua relevância: trabalhando a motivação, os elementos culturais e sociais que fazem sentido para os/as alunos/as, paulatinamente estaremos caminhando para um melhor aproveitamento dos recursos que estão ao nosso redor.

Sendo as novas tecnologias tão familiares aos discentes e a literatura de cordel parte do contexto cultural dos/as jovens dos grupos assistidos e contemplados nesta pesquisa, por que não utilizar tudo isto para promover a valorização e o envolvimento efetivo, cognitivo e social de tais elementos entre a escola e as práticas pedagógicas dos indivíduos que as



compõem? É no sentido de propor práticas inovadoras e exitosas que este trabalho surge, como inspiração para novas experiências em outros contextos escolares.

## 2 LITERATURA E INOVAÇÃO: CORDEL, LEITURA E JOGO SÉRIO NA SALA DE AULA

A sala de aula é um espaço de construção de conhecimento acerca das mais variadas temáticas pensadas e refletidas a partir do meio em que os nossos alunos estão inseridos. Pensando assim, é correto dizer que esse meio em que os educandos estão inseridos, é aquele em que o uso do celular e de mais ferramentas tecnológicas são muito frequentes, acompanhando o ritmo frenético da evolução dos computadores, mídias sociais. Nestas mídias ou redes sociais a comunicação é constante, seja por texto escrito, falado, imagético ou qualquer outra forma de interação.

É neste sentido que se pode articular a literatura, como um elemento muito importante para a descoberta de si, o cordel, como elemento extremamente rico, não apenas pela sua clareza e objetividade, mas por sua beleza estética e o jogo sério, como elemento tecnológico que tem espaço reservado no dia-a-dia dos jovens de hoje. Sendo assim, a escola e os educadores não devem negar a importância e a interação entre estes elementos em sala de aula, pois, como reflete Freire (2013), é necessário que o professor se arisque e aceite o novo, novos recursos, novos métodos, a fim de desenvolver o processo educacional, sendo assim, é preciso rejeitar todas as formas de discriminação, inclusive acreditar que a tecnologia e os jogos sérios não possam trazer bons resultados educacionais.

### 2.1 QUAL A IMPORTÂNCIA DA LEITURA?

Para que as nossas ideias e reflexões sobre a leitura se façam de maneira mais aguçada, abre-se este capítulo com uma pergunta provocativa, para que, ao longo do desenvolvimento do mesmo, possamos pensar a leitura como um fator de ascensão social, que permite o enriquecimento cultural em uma sociedade ainda iniciante no desenvolvimento leitor, para que a leitura extrapole a mera compreensão dos símbolos linguísticos (decodificação). Sendo assim, **qual a importância da leitura?**

As possibilidades de leitura estão por toda parte, tanto através de imagens, expressões corporais, vestimentas, livros didáticos ou paradidáticos, até nos panfletos de propagandas ofertados a todo o momento à população na rua, bem como no trabalho, na escola, ou em casa. Dessa maneira, a leitura na rua é algo muito corriqueiro, com propagandas comerciais das mais diversas, nos muros, outdoors, entre tantos outros suportes textuais, espalhados até onde a nossa curiosidade e vista possam alcançar. A partir disto, podemos nos considerar

todos leitores, mesmo sem nos reconhecermos leitores, e é esta a primeira importância que se evidencia em relação à comunicação humana constantemente subsidiada pela leitura. Para tanto, precisamos estar atentos ao que acontece ao nosso redor, dando ênfase à leitura de mundo, conforme evidencia Freire (1994, p.10), no sentido de que a leitura de mundo precede a leitura da palavra. Em outras palavras, aprendemos a ler o que está ao nosso redor, antes mesmo de aprender as letras, uma vez que somos leitores natos quanto somos observadores de um mundo com diversas mensagens a serem comunicadas e com as quais interagimos.

A leitura, de maneira mais simples, é o ato de ler, e, etimologicamente, o verbo ler deriva do Latim *legere*, que significa conhecer, interpretar por meio da leitura, ou seja, descobrir novas possibilidades de mundos, a partir das palavras, que nos são ofertadas pela leitura quando navegamos pelas ideias e pensamentos de alguém que escreve para que possamos ler, interpretar e reescrever determinado conteúdo textual, fazendo com que a leitura se torne uma ação dotada de um caráter colaborativo entre quem escreve e quem lê.

A partir desta breve definição da palavra leitura, é possível refletir sobre a importância da leitura para o desenvolvimento intelectual, que nos faz refletir acerca do que lemos. Sendo assim, redimensiona-se o ato de ler, não apenas como um ato mecânico, mas algo que está em movimento, construindo novos sentidos e significados. Segundo (KOCH, 2002, p. 31): “nomeamos o mundo, mas, acima de tudo, pela forma como, sociocognitivamente, interagimos com ele: interpretamos e construímos nossos mundos na interação com o entorno físico, social e cultural”. Refletindo acerca das abordagens de Koch, pensamos criticamente sobre a leitura, podemos nomear algo, mas, saberemos, de fato, o seu significado se interagimos das mais diferentes formas com o que queremos conhecer e interagir. Os aspectos culturais, sociais e físicos nos posicionam na linha do conhecimento reflexivo, não é apenas observar determinado aspecto e julgá-lo correto ou incorreto, bom ou ruim, devendo explorar o mundo ao nosso redor, para extrair o máximo de informações e ressignificá-lo, conforme nossas ideias embasadas por outras formas de olhar.

Aprofundando-se no suporte teórico empreendido pelo autor do texto, aliado aos conhecimentos prévios do leitor crítico e reflexivo, inegavelmente se construirão novas significações do que se lê, revelando-se leitores e agentes combativos para alicerçar uma sociedade menos desigual. Neste sentido, Silva (2003) evidencia:

Nunca é demais lembrar que a prática da leitura é um princípio de cidadania, ou seja, leitor cidadão, pelas diferentes práticas de leitura, pode ficar sabendo quais são as suas obrigações e também pode defender os seus direitos, além de ficar aberto às

conquistas de outros direitos necessários para uma sociedade justa, democrática e feliz (SILVA, 2003, p. 24).

Refere-se aqui à busca por uma educação emancipadora que promova uma formação leitora e reflexiva e vice-versa, que é um dos grandes desafios da contemporaneidade. A partir das reflexões trazidas por Silva (2003), percebemos um dos importantes aspectos da leitura, que é a construção do conhecimento, conhecendo os nossos direitos, assim como conhecer que também somos sujeitos de deveres. Isso nos leva à consciência de que devemos ampliar a nossa concepção de leitura e do que ler. Todos os sujeitos de uma sociedade têm o direito de se posicionar com relação aos mais variados assuntos, obviamente mediante a uma máxima de convivência em sociedade, respeitando e enaltecendo as culturas, os modos de ser e viver de cada cidadão.

Assim, a leitura vem para ampliar conhecimentos, e isso contribui para construirmos saberes voltados para uma perspectiva cidadã, de acordo com a qual se entende o que se está vivenciando. Mediante isso, emancipamo-nos enquanto indivíduos que não necessariamente precisam sair de casa ou de seu “mundo” para conhecer e aprender sempre mais sobre culturas alheias à nossa. Como reflete Villardi:

Ler é construir uma concepção de mundo, é ser capaz de compreender o que nos chega por meio da leitura, analisando e posicionando-se criticamente frente às informações colhidas, o que se constitui como um dos atributos que permitem exercer, de forma mais abrangente e complexa, a própria cidadania. (VILLARDI, 1999, p. 4)

Quando lemos, devemos ressignificar e contextualizar o que cada autor traz em seus escritos, assim fomentando o sistema literário (formado pelas relações estabelecidas entre autor, obra, leitor e conseqüentemente uma reflexão crítica do que o autor pensou e idealizou em sua obra). A leitura é um processo extremamente importante dentro da formação crítica e reflexiva do leitor. Como já citado, não se trata apenas de decorar as letras e ler apenas como num processo de decodificação. É necessário que se efetive uma conexão entre o reconhecimento dos signos e significados com a leitura subjetiva, ou seja, não adianta decorar e não compreender reflexivamente o que se lê. Apontando para essas questões, Freire defende que:

[...] a alfabetização não pode ser reduzida ao mero lidar com letras e palavras, como uma esfera puramente mecânica. Precisamos ir além dessa compreensão rígida da alfabetização e começar a encará-la como a relação entre os educandos e o mundo, mediada pela prática transformadora desse mundo, que tem lugar precisamente no ambiente em que se movem os educandos (FREIRE, 1990, p. 12).

Além disso, pensando na importância dos escritos de Freire, para que possamos nos subsidiar das suas relevantes contribuições sociais e educacionais, é preciso pensar a educação em si como uma ferramenta chave na engrenagem social, que pretende formar cidadãos, desde a alfabetização, fazendo-se pertinente pensar e repensar o modelo de alfabetização (o que fomenta a apreensão de signos) ou aquela que prepara educandos para a vida, embasada por uma perspectiva crítica e libertadora (FREIRE, 1990). Para tanto, desde a alfabetização, a leitura deve ser abordada como um elemento essencial para a aprendizagem das crianças, uma vez que a base vem da primeira infância, pois, se este trabalho não for realizado com olhos projetados para o futuro, certamente as práticas de leitura se tornarão momentos entediantes, incompreensíveis e pouco importante para os jovens, sendo que estes não se viram estimulados pelo professor/a enquanto pequenos leitores que poderiam estar se tornando na fase da alfabetização.

Vale ressaltar também a importância da família no estímulo à leitura e à escrita, pois ela também tem a sua parcela de importância nesse processo, e deve caminhar junto com a escola para que crianças, em fase escolar ou não, possam se familiarizar com a leitura durante toda a vida, tornando-se assim, bons leitores, escritores e estimulando a criatividade. Esse aspecto criativo dentro de uma lógica competitiva faz muita diferença na formação social e profissional dos nossos jovens. Considera-se que quem lê mais, sabe mais, aprende mais, ensina mais e se comunica melhor. Segundo as reflexões de Moraes, a “aprendizagem da leitura é um produto cultural, baseado, sem dúvida, em capacidades naturais, mas pressionado por aquilo que as famílias e as instituições educacionais oferecem à criança” (MORAIS, 1996, apud TRAMONTIN, 2009, p. 16).

Baseado nisso, é incumbência também dos pais, e não só da escola, proporcionar meios para que as crianças se descubram leitores e escritores, assim sendo, a leitura coletiva em sala de aula faz-se necessária, mesmo que as crianças ainda não consigam decifrar signos e suas representações. Embora não sendo as crianças leitoras “fluentes”, ainda assim, existirá uma experiência enquanto espectadoras, a qual fará com que o caminho seja mais prazeroso e instigante, ao longo da maturação, passando pela alfabetização quando ainda se aprende as letras, depois aprendendo a ler palavras e, em seguida, realizando a leitura fluente, de fato. Aprender é sempre possível na formação leitora, e aprender a ser um leitor crítico parte destes primeiros momentos, estimulando os alunos a questionarem, por exemplo, na narrativa do Sítio do Pica-pau Amarelo: por que a Emília fala, se ela é uma boneca de pano? Quem é Monteiro Lobato? A partir de questionamentos como esses, é possível ampliar a ideia relativa

à funcionalidade da leitura que viemos ressaltando até aqui, a qual está muito além de uma memorização mecânica, que, se existente, levará a criança a acreditar que se deve fazer e pensar tal qual o texto empreende, mas, se sabe que existe um mundo de possibilidade para interpretar o mesmo texto, cada um, a sua maneira, fará isto. A questão da reflexividade dos textos que lemos vai muito de acordo com a cultura, crenças e realidades de cada aluno, e pensando nas diversas atribuições da escola, família e toda a sociedade, é preciso levar em conta e ressaltar a importância dos múltiplos saberes que cada um dos alunos traz consigo. Nesse sentido, não há como deixar de refletir juntamente com Freire: “Não há saber mais ou saber menos, há saberes diferentes”, e, sendo assim, é necessário compreender isto, assim, fazendo com que os alunos se sintam importantes dentro do processo educativo, sem medo de se expressar através da oralidade ou da escrita, temendo ser corrigidos porque pensam e refletem algo sob um prisma diferente do professor (FREIRE, 1987, p. 68).

Os livros são importantes aliados para o desenvolvimento leitor, não se tratando apenas de um objeto, mas, algo que tem vida e dar-lhes essa vida depende dos leitores. É importante ter os livros como um investimento para um futuro melhor dos filhos e do nosso mundo ao redor. Segundo Karl Popper (1992, p. 101 apud CARMO, 2008, p. 1), “o livro é o bem cultural mais importante da Europa e talvez da humanidade”. Quem realmente lê e compreende as ideias centrais de cada texto lido, sabe mais e pode mais, principalmente em uma sociedade em que os valores culturais e sociais estão tão distorcidos. Por isso, é preciso haver incentivos dos órgãos competentes do nosso país, para que a leitura reflexiva passe a ser uma das grandes metas de ascensão educacional nas escolas brasileiras.

### 2.1.2 A leitura literária em sala de aula

A literatura é tão importante em nossa vida quanto a roupa e a comida que nos protege e sustenta cotidianamente. Em entrevista aos realizadores do Paio! Literário, evento transcorrido em Curitiba, o escritor Sérgio Sant’Anna afirmou que a literatura dá ao leitor uma oportunidade imperdível: “Ler não é só adquirir conhecimento ou experiência de vida. É também a oportunidade de ter outra vida, de viver o imaginário. E não é só o escritor que tem isso. O leitor também tem. Ele é um cara que vive dupla ou triplamente.” Por isso, é preciso escapar das nossas múltiplas e duras realidades que nos seguem no nosso dia a dia, e pensar a literatura em sala de aula, bem como ressaltar a importância e o direito a se reconhecer através dos escritos literários, que, de forma alguma, merecem ser limitados a um caráter meramente pragmático, de modo a “ensina[r]mos nossas próprias teorias acerca de uma obra, em vez de

abordar a própria obra em si mesma” (TODOROV, 2010, p.31). Trabalhando com a literatura em sala de aula, poderemos efetivar uma melhor conexão entre quem lê, sobre o que se lê, ou seja, ressaltaremos os múltiplos sentidos que poderão ser construídos a partir de determinada obra.

A prática de leituras de diferentes gêneros e suportes literários pode vir a subsidiar este trabalho no ambiente escolar. O direito à literatura deve ser assegurado a crianças e jovens contemporâneos, e, sendo assim, a escola não se pode negar a desenvolver a leitura literária como algo essencial para a vida.

Candido (1989, p. 112), revelando em seus escritos a grande importância da literatura e do sonhar acordado, destaca que [...] “parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito”. A literatura para o autor, em termos metafóricos, seria “o sonho acordado da civilização” e assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem sonho durante o sono, “talvez não haja equilíbrio social sem a literatura”.

Sabidamente, Antonio Candido baseia-se metaforicamente para ressaltar e enaltecer a importância da leitura literária, a qual revela caminhos para construção de conhecimentos, sensibilização dos leitores, fazendo com que esse ato não se encerre com o fechar dos livros, mas, que, experimentado como vivência literária de fato, torne-se parte de um todo. Pensando metaforicamente, a literatura, assim como o ato de sonhar, equilibra-nos socialmente, quando deixamos fluir nossos anseios e sonhos, o despertar para a imaginação, fazendo bem ao ser humano, sendo uma função da literatura, como ressalta Candido, pois, a partir das nossas vivências leitoras, passamos a ver o mundo por uma ótica mais sensível e passível de melhoramentos pessoais e nas mais diversas esferas da vida em sociedade. Modificar uma realidade se torna uma tarefa menos árdua quando passamos a nos conhecer melhor, compreendendo com olhos de quem tem mais a aprender do que a criticar, criando assim, um antídoto para conviver melhor em sociedade, que se constitui, sobretudo, a partir da leitura frutiva, dinâmica e participativa do leitor em relação à literatura em sala de aula. Ter acesso à cultura letrada da literatura é um direito que todos os cidadãos têm, e deve-se cobrar para que a sua real importância seja revelada na escola e na vida cotidiana.

A leitura literária, em suas diferentes modalidades e várias possibilidades de interpretação e contextualização em sala de aula, é um dos importantes aspectos para despertar nos alunos o interesse pela literatura. É necessário que o professor trace estratégias

interativas a fim de promover leituras mais dinâmicas. Neves caracteriza a importância do professor nesse processo, por ser ele:

[...] aquele que apresenta o que será lido: o livro, o texto, a paisagem, a imagem, a partitura, o corpo em movimento, o mundo. É ele quem auxilia a interpretar e a estabelecer significados. Cabe a ele criar, promover experiências, situações novas e manipulações que conduzam à formação de uma geração de leitores capazes de dominar as múltiplas formas de linguagem e de reconhecer os variados e inovadores recursos tecnológicos, disponíveis para a comunicação humana presentes no dia-a-dia (NEVES, 1998, p. 14).

Em um contexto como a sala de aula, muitos são os desafios impostos à escola e aos profissionais de educação, e, neste sentido, a reflexividade é extremamente relevante para que a função docente caminhe para melhores meios de gerenciar a educação. Nas questões que se relacionam ao trabalho com a literatura, é necessário pensar novos modos de realizar a conexão entre alunos e a literatura, em uma sociedade em que os livros estão sendo deixados de lado, e os suportes tecnológicos têm ganhado força com rapidez. Não só o professor, mas também outros profissionais da educação devem pensar momentos de leituras interativas e diferenciadas. Como exemplo da diversidade de maneiras de se ler textos literários, poderíamos citar uma obra como *Morte e vida Severina*<sup>1</sup>, a qual poderia ser lida como texto verbal escrito e como texto fílmico, tornando a abordagem do texto literário em sala de aula algo essencial para que possamos refletir nossa vida por uma ótica diferente, revelando os vários tipos de letramentos literários. A leitura dramática é uma das várias outras possibilidades de redimensionar o ato de ler literatura.

Segundo reflexões de Grazioli (2007, p. 86), a leitura dramática “é uma atividade proveniente dos meios cênicos, e se distingue da dramatização, porque é realizada com o olhar sobre o texto impresso, ou seja, lê-se durante a apresentação, não havendo, portanto, necessidade de decorar o texto”.

Com relação a esta perspectiva leitora, o ato de ler não se institui a partir de uma obrigatoriedade de se memorizar o texto, deixando o leitor livre para se subsidiar do texto impresso para sua realização. Assim, a leitura performática vem a ser a leitura que permitirá ao aluno vivenciar sensorialmente as características das personagens e irá inserir o educando no contexto da obra escrita, este como um agente ativo na compreensão e reflexão do que o autor escreveu, uma vez que, quando o aluno vivencia a realidade de determinada personagem, através de uma leitura mais dinâmica e menos superficial do que sugere apenas a

---

<sup>1</sup> *Morte e Vida Severina*, auto de natal pernambucano é um livro do escritor brasileiro João Cabral de Melo Neto (1920-1999), escrito entre 1954 e 1955 e publicado em 1955.



decodificação, ocorre uma interação entre leitor, autor e obra. Nesse sentido, o educando não estará apenas decodificando grafemas, mas realizando uma experiência semelhante a uma viagem para fora do seu próprio mundo, entrando no da personagem, a partir do que ela revela sobre si, do que as outras personagens dizem sobre ela e ainda das ações que ela realiza ao se relacionar com as demais. Ao vivenciar esta experiência de alteridade o leitor estará construindo novos sentidos da obra escrita pelo autor, o texto ganhará vida e se internalizará no leitor, que o externalizará na vocalização, a qual não deverá ser tomada pelo educador como atividade de avaliação do aluno em relação à sua proficiência leitora. Deve-se evitar a realização desta atividade à guisa de castigo para alunos desatentos, com o que há o risco de se criar contextos de obrigatoriedade e tolhimento em relação ao ato de ler, buscando-se promover espaços de vivências em que a leitura em voz alta seja experimentada como um momento de reconhecimento de si e do mundo. Segundo Oliveira (2010):

O leitor, ao incorporar em sua voz o texto escrito, pode provocar nele sentidos diversos; e o texto, por sua vez, ao penetrar o leitor, confere a ele novas possibilidades de compreensão do mundo. O texto seria como uma partitura cuja interpretação se dá no ato da leitura acontecida no corpo do leitor. (Oliveira, 2010, p. 10).

O trabalho com o corpo, a voz e outros sentidos são muito importantes na performance, rompe-se com os hábitos de leitura na qual o leitor fica impassível diante das emoções que o texto sugere, sem utilizar os outros sentidos do corpo, apenas externalizando em voz alta o que está ali, visivelmente impresso. Para Zumthor (1997), conforme referenciado por Oliveira (2010), “o intérprete, na performance, exibindo seu corpo e seu cenário, não está apelando somente à visualidade. Ele se oferece a um contato. Eu o ouço, vejo-o, virtualmente eu o toco”.

Para tanto, a leitura literária não pode ser considerada um objeto de mera apreensão de conhecimento da língua portuguesa ou, como já citado, realizada apenas de maneira pragmática.

Problematizando-se este aspecto, surge uma crítica ao trabalho habitualmente realizado por professores desta disciplina, ao invés de trabalhar a leitura das obras em si, as quais propiciam uma fruição estética com relação à arte das letras, pela qual os alunos seriam efetivamente leitores, passando por uma percepção leitora mais efetiva na compreensão de ideias subjetivas do leitor, sendo assim, os alunos teriam a oportunidade de despertar o interesse pela leitura. Infelizmente, não é o que se efetiva nas escolas.

O ensino da literatura tem sua singularidade, por estar para além da discussão ou do trabalho com questões estruturais, gramaticais, já que se realiza com o intuito de promover o jogo literário, as diversas experiências estéticas, a viagem pelo texto literário.

E nisso reside sua função maior no quadro do ensino médio: pensada (a literatura) dessa forma, ela pode ser um grande agenciador do amadurecimento sensível do aluno, proporcionando-lhe um convívio com um domínio cuja principal característica é o exercício da liberdade. Daí favorecer-lhe o desenvolvimento de um comportamento mais crítico e menos preconceituoso diante do mundo. (OSAKABE, 2004, p. 49).

O acesso à literatura nas aulas de língua portuguesa deve se dar pela porta da frente, ou seja, pelo caminho do que a literatura é. Não se lê literatura para se tornar culto, ou para aprender regras de ortografia ou outras finalidades quantitativas. Estas competências poderão se desenvolver naturalmente, e não apenas como finalidade exclusiva, pois a literatura pode contribuir com soluções de problemas, tais como os relacionados ao real papel da literatura, ressaltando a problemática geradora deste estudo, voltado para as relações entre leitura e tecnologias, refletindo a falta de interesses dos alunos pela leitura, assim, pensando estratégias para estimulá-los a descobrir um mundo novo a partir da leitura.

Todorov (2007) faz um paralelo entre as práticas de leituras desenvolvidas em seu tempo, enquanto sujeito de uma formação literária, e as práticas leitoras da contemporaneidade, tecendo críticas bastante contundentes com relação à Academia, e ressaltando a necessidade de uma readequação no ensino das letras. Segundo as bases teóricas e práticas do autor, a problemática do ensino de literatura está na formação básica dos profissionais dessa área, propondo que o ensino de literatura nas escolas seja diferente das abordagens às quais os licenciados nessa área foram submetidos durante suas experiências acadêmicas, quebrando paradigmas teóricos que não consideram a literatura como um discurso de mundo. Assim, o ensino de literatura deve ser efetivado a partir das leituras dos textos literários, de modo que possa despertar nos alunos os múltiplos sentidos estéticos (apreciar, criar e conhecer), na perspectiva de cada leitor.

A análise das obras feita na escola não deveria mais ter por objetivo ilustrar os conceitos recém-introduzidos por este ou aquele linguista, este ou aquele teórico da literatura, quando, então, os textos são apresentados como uma aplicação da língua e do discurso; sua tarefa deveria ser a de nos fazer ter acesso ao sentido dessas obras – pois postulamos que esse sentido, por sua vez, nos conduz a um conhecimento do humano, o qual importa a todos. (TODOROV, 2007, p. 89).

Mas, afinal, que leitores queremos formar? Um leitor técnico, que conseguirá apenas se subsidiar dos textos literários, a fim de cumprir um cronograma pedagógico, mecânico, o qual visa apreender conteúdos linguísticos, técnicos sem que se dê conta do real sentido da leitura literária, das diversas possibilidades de ser outro, ou seja, negando-se e sendo negado a conhecer outro lado da leitura, ou um leitor de múltiplas literaturas, capaz de ler para si, de compreender e de transpor as experiências literárias para sua vida, criando laços de afinidades com a literatura?

Formar leitores sensíveis não é tarefa fácil, mas, não é impossível. Ressaltando-se, de início, que a leitura literária está para além das letras, deve-se conceber os alunos não apenas como meros receptores de conteúdos, mas, leitores, leitores que podem e devem romper com as barreiras que a escola impõe com relação à leitura literária, meramente ilustrativa de outros conteúdos. Reconhecendo-se sujeitos leitores, os alunos irão compreender que a leitura não se encerra nas aulas de português/literatura/produção textual.

Estar atento ao ler literatura vai muito além de decorar conceitos, escolas literários, é necessário pôr em prática os sentimentos, as emoções leitoras, emoções estas que nos transportam para dentro da leitura, como um personagem principal que o leitor é, as emoções se apresentam na mesma medida e que o leitor se afina com a obra, revelando-se curioso, questionador e escritor, quando algo na perspectiva do autor não o agrada o leitor possa questionar e vê o que seria mais interessante que acontecesse na história. Leitor tem que querer ser e não ser obrigado a ser um leitor literário, obviamente que os estímulos necessários fluirão. Não é apenas esperar pela escola, mas, construir o acervo cultural literário está muito intrínseco ao que cada aluno pensa e reflete em um ambiente escolar, rompendo com a perspectiva academicista e se moldando enquanto leitores, sendo assim, “Somos todos Poetas”<sup>2</sup>. Como nos ensina Aristóteles, “imitar é congênito no homem [sic]” (*Poética*, 1448 a, II, §13). Imitar seria natural do ser humano, a imitação o distingue de outros seres da natureza. Sendo assim, a *mimesis criativa*, tal como conceituada pelo autor da *Poética*, vem a ser a tendência natural do ser humano de estar todo tempo criando e recriando a partir do que estaria ao seu redor.

Assim também reflete Augusto Boal sobre o ato de atuar ou imitar:

Todo mundo atua, age, interpreta. Somos todos atores. Até mesmo os atores. Teatro existe dentro de cada ser humano, e pode ser praticado na solidão de um elevador, em frente a um espelho, no maracanã ou em praça pública para milhares de

---

<sup>2</sup> Expressão muito utilizada pela Profa. Valéria Andrade durante as disciplinas de literatura ministradas no curso de Licenciatura em Educação do Campo.

expectadores. Em qualquer lugar... até mesmo dentro do teatro. (BOAL, 1998, p. 80).

### 2.1.3 O leitor autor

Quando abordamos a temática “O leitor autor”, evidencia-se uma ambiguidade: seria no sentido de dissertar acerca do leitor e a relação que o mesmo vivencia juntamente com o autor (obra), ou seria no sentido de refletir a questão do leitor que se torna autor ao longo de suas vivências literárias e enquanto leitor que reflete e questiona o que os autores tratam em suas obras? Ambas as possibilidades existem. Sendo assim, o leitor autor não será apenas um mero receptor da literatura, mas dentro de um processo criativo, o leitor é levado a criar juntamente com o autor, colocando para fora, e também para dentro, de si uma nova significação da obra pela qual passa a ser responsável.

Refletir a relação entre leitor e autor é ação importante para que o sistema leitor se consolide de maneira efetiva, desenvolvendo inúmeras competências que estão permeadas no campo das recriações dos livros que lemos. Os estudos literários sempre oscilaram entre o autor e a obra, deixando de lado o leitor, até que surge a estética da recepção, cujo foco é o leitor. A experiência estética é um aspecto de grande relevância na relação entre obra, leitor e autor, sendo um campo sensível da literatura e de outras artes, um momento íntimo que revela uma aproximação entre obra e leitor. Essa aproximação pode realizar grandes mudanças na vida pessoal de quem lê, deixando marcas duráveis nos fazeres sociais do apreciador de tal obra de arte.

A estética da recepção é um dos vários campos teóricos que problematizam a literatura, pensado e inaugurado por dois teóricos da década de 60, são eles: Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser. Colegas na Universidade de Constança, Jauss e Iser desenvolveram a teoria. A partir de suas contribuições, outros estudiosos da literatura se interessaram por teorizar a respeito da estética da recepção.

A princípio, é necessário entender que a estética da recepção toma como base a crítica extrínseca. Para deixar mais claro, “crítica” diz respeito à problematização ou a colocação de algo em questionamento. Quanto à “extrínseca”, refere-se à crítica que se constrói a partir de elementos externos à obra. Em outras palavras, não faz parte internamente da obra. Em síntese, são várias as influências exteriores que transformam e modificam os sentidos do objeto literário, por exemplo: época, contexto histórico, subjetividades, sociedade em suas diversas relações etc.

Hans Jauss (1994), aborda aspectos relacionados à construção de uma história literária, fazendo menção e contraposição às escolas idealista e positivista, pois ambas não se baseiam no aspecto estético e receptivo, só se preocupam com as obras, bem como seus autores, deixando ao esquecimento uma das peças fundamentais do sistema literário que é o leitor. Além disso, Jauss se opõe a essas correntes teóricas devido ao fato de estarem centralizadas na ideia marxista e formalista, ou seja, no pensamento de ser a literatura um fenômeno social, bem como a preocupação exclusiva com a estrutura da obra.

Os teóricos formalistas da literatura fundamentam suas teorias na crença de ser a literatura um composto autônomo ou autossuficiente que não depende, nem precisa de dados ou influências históricas e biográficas de quem a escreve, neste sentido, o poder da literatura está no seu interior, ou melhor, na sua organização ou estrutura, não necessitando de influências ou referenciais externos (ROSSETO, 2010). Sendo assim, para Jauss estas linhas teóricas seriam superficialmente limitadas a entender a literatura no âmbito estético e produtivo, causando uma ruptura entre leitura e efeito, que são tão acreditadas na estética da recepção (COSTA, 2010).

Ao oposto das teorias citadas, a estética da recepção está interessada e preocupada com a recepção estética, ou seja, com os sentidos empreendidos por quem vai ler, ou melhor, quem vai receber o texto literário. Surge, então, a idealização de uma nova concepção de receptor do texto, pois o mesmo assume “seu papel genuíno, imprescindível tanto para o conhecimento estético quanto para o conhecimento histórico: o papel de destinatário a quem, primordialmente, a obra literária visa” (JAUSS, 1994, p. 23). O destinatário da obra literária é o leitor, e a respeito deste, Rosseto destaca:

O leitor, ao percorrer um texto, aciona inúmeros outros textos que compõem o seu acervo e promovem uma inter-relação entre eles, construindo sentidos. Esses sentidos podem variar de leitor para leitor porque os acervos são diferentes para cada pessoa. Essa relação texto-leitura-leitor-texto vai, de certa forma, aumentar o acervo do leitor e prepará-lo para interagir com outros textos num processo espiral de construção de sentidos. (ROSSETO, 2010, p. 8).

O leitor, ao ler uma obra literária, não se tornará apenas um receptor do que o autor escreveu, muito pelo contrário, os conhecimentos advindos da obra se internalizam em seu acervo cultural, ou seja, juntamente com o conhecimento tácito que o leitor construiu ao longo de suas vivências leitoras, e é a partir daí que o leitor se torna “autor” não necessariamente escrevendo, mas, comentando, refletindo e questionando aspectos os quais lhe chamaram a

atenção durante a leitura. O conhecimento tácito do leitor é convertido em conhecimento explícito a partir das interações vivenciadas entre autor/obra/leitor-autor.

Outra corrente de pensamento que teoriza sobre a obra literária é a “fenomenologia”, surgida no século XX. Essa corrente acredita ser o texto literário puro fenômeno e o leitor é a figura que percebe em sua capacidade de entendimento a essência da literatura. O filósofo Edmund Gustav Albrecht Husserl estabeleceu a escola da fenomenologia, afirmando ser necessário repensar o problema da separação entre sujeito e objeto, consciência e mundo, enfocando-se a realidade fenomênica dos objetos, ou seja, a maneira pela qual os objetos e a realidade são percebidos pela consciência (COSTA, 2010).

A abordagem fenomenológica de Husserl toma como base a percepção das realidades como puros fenômenos, ou seja, a maneira como elas se apresentam em nossa mente. Nas palavras deste autor, “um fenômeno, qualquer que seja é afetado pela percepção que tem aquele que o aprende por meio da consciência e claro da própria subjetividade” (ZAPPONE, 2003, p.155), ou seja, o receptor do fenômeno criará um significado para o mesmo, construído e incorporado pelas diversas influências subjetivas.

Eagleton também afirma ser a fenomenologia a ciência da subjetividade, ou seja, o mundo é aquilo que se postula ser, ou que se pretende postular, em outras palavras, deve ser apreendido em relação a quem o empreende, como uma correlação da consciência (Eagleton 1989 apud ZAPPONE 2003). Sendo assim, os aspectos subjetivos ilustram a verdade das coisas.

Tanto a fenomenologia quanto a estética da recepção preocupam-se em refletir sobre o papel do leitor com relação à obra literária, elevando-o ao status de significante da obra. O leitor é o sujeito que compreende a obra a partir de suas vivências pessoais e leitoras, levando em consideração o horizonte de expectativas para compreender o que estes percebem ao seu redor, trazendo novos sentidos para a obra, que sem a inserção das percepções leitoras serão apenas letras empreendidas no papel, sem vida e sem sentido.

A estética da recepção, em palavras mais sintéticas, subdivide a literatura em três grandes elementos: autor, texto, leitor. Sendo assim, “a Estética da Recepção considera a obra de arte como um sistema que se define por produção, por recepção e por comunicação, tecendo uma relação dialética entre autor, obra e leitor” (ROSSETO, 2010, p.1-2).

O autor perdeu seu poder, pode-se dizer que ele não é mais o detentor do poder interpretativo, pois não é mais o único a possuir um suposto único sentido do texto. O texto já não está mais fixado às ideias do estruturalismo e do funcionalismo que acreditam ser a

textualidade o grande caminho para a interpretação, ou seja, o texto não é mais um conjunto de pensamentos do autor.

O leitor, este sim é reverenciado, pois é chave fundamental para a relação de sentido entre texto e leitor, entre texto e sentido, pois dá vida ao texto no momento da leitura. Como afirma Rosseto:

Ler, como dito anteriormente, é abrir-se para a leitura para construir sentidos e se construir enquanto leitor-texto. A amplitude do ato de ler vai depender da proficiência do leitor. Quanto maior for o seu acervo, suas inferências e visão de mundo, maior será sua compreensão do texto e sua interação com ele. (ROSSETO, 2010, p. 10).

Eagleton também faz essa divisão em três grandes fases: estudos bibliográficos do autor, preocupação com o texto e a figura do leitor. Quanto aos estudos bibliográficos do autor, a obra literária seria fruto de uma genialidade do autor; quanto à preocupação com o texto, são enfatizadas questões a respeito do formalismo, ou seja, nas construções verbais e gramaticais que fazem um texto literário; e referente ao leitor as problematizações a respeito são várias, sendo a mais relevante a estética da recepção, que o coloca como produtor de sentidos ou coautor da obra.

O texto por si só é vago, pobre de sentido, mas depois de lido e interpretado é caminho para novos pensamentos e sentidos. Existem várias influências sobre o texto: o leitor, contexto histórico, a escrita, a biografia e o inconsciente, aspectos extrínsecos que, de fato, transformam e formam o texto. Assim, o leitor está constantemente criando e recriando significados, conforme assegura Aguiar (1993):

A recepção, nessa perspectiva, é compreendida “como uma concretização pertinente à estrutura da obra, tanto no momento de sua produção como de sua leitura, que pode ser estudada esteticamente”, considerando, assim, o leitor como um elemento também textualmente marcado na obra de arte literária. Para o teórico, privilegiar a recepção representa conceber o texto literário como um fato que não se limita à dimensão estética, pois também considera a social. Por conseguinte, desloca-se a concepção de literatura enquanto sistema de sentido fechado e definitivo para a de um sistema que se constrói por produção, recepção e comunicação, ou seja, por um relacionamento dinâmico entre autor, obra e leitor (AGUIAR, 1993, p. 83).

É impossível um texto se constituir apenas pelo autor que o escreve, autor que escreve para que alguém leia, alguém que se apropria das palavras do autor no processo da leitura, buscando significação e compreensão do que o autor empreendeu, refletindo e constituindo, assim, outras ideias e concepções de um determinado texto. Pensando mais genericamente, se mesmo textos não literários já são uma construção baseada na tríade autor/obra/leitor,

imaginemos o que se passa quando se trata de textos literários, que pela sua função criativa e frutiva possibilita inúmeras possibilidades, quanto a recriá-lo, pensar sobre ele e lê-lo. Os textos literários forçam os leitores a escreverem juntos com o autor, rompendo com as teorias contrárias à participação do leitor na obra. Essa interação direta e construtiva não apenas torna o leitor em autor, mas direciona-o a um mundo novo, que tem significado para que extrapole o lado ficcional da escrita, tornando possíveis atitudes e ações de modo real, que se modelam ao contexto em que o leitor-autor esteja inserido. Quando refletimos criticamente acerca do que lemos, estamos de fato interagindo com a obra e com o autor, não apenas superficialmente, mas, como autores da obra.

## 2.2 O CORDEL E O ENSINO: REFLEXÕES

A literatura de cordel tem grandes contribuições a realizar diretamente no contexto de ensino-aprendizagem de qualquer disciplina, sendo um recurso acessível nos mais diversos sentidos, permitindo que os/as alunos/as abordem variadas temáticas de maneira elucidativa, educativa e crítica. Se em suas origens históricas o cordel constituía-se como um tipo de literatura nada erudita, em pleno séc. XXI esta expressão literária é alvo de muitas pesquisas acadêmicas, adentrando na escola como um grande auxílio para os professores, levando em consideração o aspecto histórico e cultural que permeia o nosso imaginário através dos versos rimados criados por poetas às vezes com pouca instrução e estudo, mas com grandes contribuições a oferecer.

### 2.2.1 Breve histórico sobre o Cordel

Evidencia-se que historicamente a literatura de cordel chega ao Brasil por volta do século XVIII, durante o início da colonização, havendo uma espécie de transplante a partir do que se constituía como literatura de cordel em Portugal e que, chegando do lado de cá do Oceano Atlântico muito se modificou, transformando-se e tornando-se outra produção literária, que hoje conhecemos como a nossa literatura de cordel. Nesse sentido muitas características serão abordadas a seguir, demonstrando a riqueza cultural e única do cordel brasileiro. Vale ressaltar as diferenças entre as produções lusitanas e a produção dos folhetos de cordel especificamente no Nordeste brasileiro que, segundo Abreu (1999 apud Vidal, 2017) não se pode atribuir de forma absoluta o surgimento dos folhetos nordestinos ao que se



produzia em Portugal como literatura de cordel, justamente ressaltando importantes diferenças que distinguem uma produção da outra.

As produções lusitanas desta literatura compunham-se de uma miscelânea com variados textos e estruturas diferenciadas, contendo textos em forma de prosa, versos, peças teatrais, não sendo, portanto, considerado um gênero literário, mas um suporte gráfico composto por um conjunto heterogêneo de vários textos. No Brasil, mais precisamente na região Nordeste, local de grande aceitação dessa forma de literatura única, o cordel começou a ser popularizado por cantadores, na forma oral a partir de versos criados na hora. Sua produção impressa constitui-se a partir da seguinte estruturação:

- Quadra – composta por uma estrofe de quatro versos;
- Sextilha – estrofe de seis versos;
- Septilha – estrofe de sete versos, menos comum de ser encontrada;
- Oitava – estrofe de oito versos
- Quadrão – os três primeiros versos rimam entre si, o quarto com o oitavo e o quinto, o sexto e o sétimo também entre si;
- Décima – estrofe de dez versos
- Martelo – estrofes formadas por decassílabos (estes são muito comuns em desafios e versos heróicos).

Outra diferença entre as produções de literatura de cordel portuguesa e brasileira refere-se ao fato de que, no Brasil, sua circulação, sobretudo nos seus primórdios, não chegava a todas as camadas sociais, enquanto isso em Portugal, o acesso devido ao baixo custo alcançava o público de modo bem amplo, desde pessoas mais favorecidas até as menos favorecidas economicamente. No Brasil, o cordel não chegava a todos os públicos devido às temáticas que subsidiavam sua produção girarem em torno de acontecimentos cotidianos, abordando crimes, romances, histórias que os mais velhos contavam, denúncias contra poderosos, políticos da época, ressaltando uma força muito grande perante as classes pobres que eram maiorias, instalando uma possível “revolta” nos detentores do poder na época. Como reflete Brandão (1991, p.5): “Nada é estranho à literatura de cordel.” Muitos poetas em tempos de outrora foram perseguidos por coronéis e fazendeiros, justamente por realizarem esses feitos, ou seja, denunciarem e irem contra as injustiças sociais cometidas em seu tempo.

Não estamos negando aqui as influências do cordel português com relação à literatura de cordel constituída e difundida a partir do que os colonizadores implantaram em terras tupiniquins, mas, uma coisa é certa, o que une uma literatura à outra (Portugal/Brasil) é antes a forma em que os folhetos eram vendidos nas feiras, expostos em cordas, daí surgiu o nome cordel, tanto em Portugal como no Brasil. Outra característica comum, seria a marca da

oralidade, que encanta e dá mais expressividade aos poetas e ao próprio leitor que evidencia a beleza da rima, da métrica e de outras características que consolidam o cordel como um elemento tão complexo, embora, pelo menos aparentemente, demande fácil compreensão. A literatura de cordel é complexa de se conceber, mas simples de se compreender, estimulando reflexões de pessoas que nem ao menos sabem ler, as quais se tornam apreciadoras e consumidoras da palavra vocalizada.

Segundo a autora e pesquisadora do Cordel no Brasil, Márcia Abreu (1999), em suas discussões sobre as relações e diferenças entre o Cordel lusitano e o Cordel brasileiro, podem-se ressaltar ainda outras marcas estilísticas que distinguem ambas as produções:

<b>Portugal</b>	<b>Brasil</b>
1. Adaptadores de textos de sucesso.	Autores que viviam de compor e vender seus versos.
2. Os textos dirigiam-se ao conjunto da sociedade.	Autores e público pertenciam às camadas populares.
3. As matrizes das quais saíam os cordéis pertenciam à cultura escrita.	Os folhetos guardavam fortes vínculos com a tradição oral.
4. Temas eram vidas de nobres e cavaleiros.	Temas eram o cotidiano nordestino.
5. Os editores trabalhavam com obras de domínio público.	Poetas eram proprietários de sua obra podendo vendê-las.

**Fonte:** Maria Isabel Amphilo Rodrigues de Souza

Muitos poetas cordelistas surgiram e contribuíram para a popularização da literatura de cordel no Brasil, a exemplo de Leandro Gomes de Barros (1865-1918) e Manuel Camilo dos Santos (1905-1987), os quais nos convidam a conhecer um pouco mais de suas atribuições enquanto precursores da literatura de cordel brasileira.

Na região Nordeste, um dos grandes expoentes e disseminadores da literatura de cordel foi o acima referido Leandro Gomes de Barros, considerado o pai do cordel no Brasil. Paraibano nascido na Fazenda da Melancia, localizado na cidade de Pombal (PB), é considerado o rei dos poetas populares do seu tempo. Foi criado e educado pela família do padre Vicente Xavier Farias. Mudou-se com a família adotiva para a vila de Teixeira, lugar este que se tornaria o berço da literatura popular nordestina. Leandro permaneceu por lá e, aos 15 anos de idade, teve contato com alguns poetas populares da época. Morou em Jaboatão do Guararapes (PE) até 1906, depois em Vitória de Santo Antão (PE), já em 1907 muda-se para Recife, onde imprimiu a maior parte de suas obras, aproximadamente 240 obras de folhetos de cordel, chegando a inspirar outros poetas e escritores populares. Algumas de suas obras mais importantes foram: *O cachorro dos mortos*, *o cavalo que defecava dinheiro* (obra que

inspirou Ariano Suassuna a escrever o *Auto da Compadecida*, ou seja, uma das obras que inspiraram Ariano, pois, segundo ele, o *Auto da Compadecida* é inspirado em vários cordéis). Leandro Gomes de Barros faleceu em 04 de março de 1918, deixando um grande legado como já citado enquanto pai do cordel no Brasil, sendo lembrado até hoje como o maior poeta popular de todos os tempos, campeão absoluto de vendas, chegando à casa de milhões de exemplares vendidos.

Manuel Camilo dos Santos nasceu em Guarabira (PB), foi um profícuo poeta popular, desempenhando muitas funções, entre elas cantador, violeiro, tipógrafo, xilógrafo, datilógrafo, escritor. Em 1936, já morando na capital João Pessoa, trabalhou como marceneiro, adotando a profissão de cantador até 1940, quando abandona a cantoria, transferindo-se para Campina Grande, onde inicia sua vida de poeta popular. Em 1942 retorna a sua cidade natal, tornando-se tipógrafo, instalando a tipografia e folhetaria Santos. Seu sucesso como editor foi inegável, fazendo com que o proprietário o transferisse para Campina Grande em 1953. Publicou, mais de 150 folhetos de sua autoria, segundo o pesquisador Átila de Almeida. *Viagem a São Saruê* é considerada a obra prima do acervo de Manuel Camilo, tanto que o folheto ganhou uma versão traduzida para o francês, adaptado pela professora da UFPB, Idelette Muzart.

Em 8 de abril de 1987, a cena da poesia popular perde o grande poeta, que deixa, no entanto, uma herança muito importante para que a poesia e a literatura e tantas outras manifestações populares se reavivem e se perpetuem. Muitas são as homenagens voltadas ao legado de Manuel Camilo, durante os festejos juninos no maior São João do Mundo em Campina Grande, é montada uma casa-folhetaria, com objetos e o maquinário da tipografia que Manuel conduzia em tempos de produção de folhetos.

### **2.2.2 O cordel em sala de aula**

Os folhetos de cordel constituem-se um recurso pedagógico de grande relevância e interesse a ser levado para a sala de aula como material de várias atividades, oferecendo um grande poder de compreensão por parte de quem lê, pois, traz elementos que fazem parte do discurso cotidiano dos alunos e que impulsiona grandes discussões e gerencia a construção do conhecimento em sala de aula, estendendo-se para além dos muros da escola, revelando assim um caráter educacional, social e político, pela sua simplicidade enquanto folheto de baixo custo, como também pela sua estruturação que chama a atenção desde a capa até a rima e a métrica, pois são elementos que envolvem e encantam os alunos.

Na região Nordeste, o cordel teve uma grande aceitação e até hoje tem um valor cultural ainda em ascensão, mas que deve ser ressignificado para que a sua importância não se perca ao longo do tempo e ganhe espaço nas salas de aulas, abordando as mais diferentes temáticas, propiciando uma leitura agradável e frutiva. Segundo Galvão (2001):

A Literatura de Cordel faz parte do romanceiro popular do Nordeste e teve sua origem nos romances portugueses em versos, os quais surgiram em sua expressão oral, sendo depois passados para a escrita. Foi nessa região, local de menor letramento e de acesso mais difícil à imprensa, que o Cordel, essas narrativas em versos impressas em papel simples e penduradas num barbante, conhecido como cordel, encontrou terreno mais fértil para se propagar (GALVÃO, 2001, [s.d]).

Os poetas cordelistas transformam histórias em poesia, falando sobre amores, crimes, fatos políticos e problemas sociais, entre outras temáticas. Os folhetos de cordel alcançaram tanta projeção que muitos poetas foram perseguidos por muitos poderosos como políticos, fazendeiros, latifundiários e detentores dos meios de produção, pela sua grande circulação e popularização entre as diversas camadas sociais menos favorecidas, evidenciando assim, seu poder de comunicação. Vendidos nas feiras livres, os folhetos de cordel em tempos de sua maior circulação também eram declamados no local onde eram expostos e vendidos pelos próprios autores nestes locais de comercialização. Até hoje ainda são expostos e comercializados dessa maneira, a exemplo do que se pode presenciar na feira de São Cristovão<sup>3</sup> no Rio de Janeiro, onde a tradição se mantém reavivando a cultura popular até os dias atuais.

Trabalhar com a literatura de cordel nos espaços escolares da região Nordeste é um modo de construir uma ponte entre os diferentes contextos culturais de fruição dos/as estudantes, a fim de se dar conhecimento o que lhe é próprio, aprendendo a valorizar os aspectos culturais do seu lugar, tomando-os como ponto de partida para o conhecimento e o diálogo com a cultura do outro, em um primeiro momento pensando o conhecimento local para que conseqüentemente seja possível se envolver com o conhecimento global. Dentro da flexibilidade das temáticas que a literatura de cordel aborda, essa possibilidade existe, ou seja, não seria estranho encontrar em folhetos aspectos de outras regiões do país hibridizados com aspectos da região Nordeste, pois, os poetas têm a capacidade de universalizar o particular. Assim sendo, o cordel é uma literatura não apenas local, que pode e deve ser trabalhada por

---

<sup>3</sup> A Feira sintetiza o Nordeste brasileiro e oferece ao visitante tudo que a região dispõe, exibindo, nas suas quase setecentas barracas, sua riqueza tradicional e proporcionando, ainda, a animação característica da terrinha: Som do Nordeste, forró, xote, baião, xaxado, repente, embolada, martelo, arrasta-pé, maracatu e outros sons bem genuínos. Ver: <https://www.feiradesaocristovao.org.br/>.

pesquisadores e docentes de outras partes do Brasil e do mundo, demonstrando uma riqueza que permite ver além do que se pode estar explícito.

Valorizar e conferir a devida importância ao trabalho dos poetas que nem sempre ganham visibilidade social, permanecendo esquecidos ou sendo desvalorizados e vistos com preconceito é um dos aspectos que pode ser citado com relação ao trabalho do cordel em sala de aula, promovendo a valorização do artista em seu próprio meio. É comum existir a desvalorização dos ditos filhos da terra, faltando apenas incentivos de conhecer e apreciar o acervo artístico destes artistas. Os poetas locais podem e devem ser citados e estudados ao lado dos poetas clássicos da nossa literatura, pois, se não há valorização, pouco será aproveitado da obra em vida desses artistas, abandonando-se assim o mau costume de se homenagear e valorizar os artistas quando eles não estão mais em vida. Entretanto, é importante que se promova o reconhecimento de si nestas histórias e mantendo-se viva a cultura popular em sua riqueza e pertinência ao contexto social e educacional. Os alunos são sujeitos da cultura na qual estão inseridos, fazendo parte e contribuindo para mantê-la viva. É nesse sentido que os docentes devem priorizar e estimular esse envolvimento afetivo dos educandos com a sua cultura local, para que se reconheçam sujeitos responsáveis pela sua própria cultura. Compreende-se que “qualquer sugestão metodológica no campo do trabalho com a literatura de cordel pressupõe este envolvimento afetivo com a cultura popular” (PINHEIRO, 2001, p. 80).

A poesia de cordel, sendo uma representação da realidade, recria criticamente os mais diversos aspectos que permeiam a sociedade. Deste modo, sendo um tipo de literatura de crítica mais incisiva, seu lugar na sala de aula encontra seus limites mais ampliados no sentido de construção do conhecimento, permitindo leituras agradáveis e reflexões mais aguçadas acerca das temáticas abordadas, as quais são diversas como referimos acima.

A inserção dos folhetos de cordel em sala de aula não tem a finalidade de formar poetas e sim leitores, ainda que não seja raro acontecer de se descobrirem poetas talentosos e habilidosos entre os alunos que venham a compor versos e escrever seus próprios folhetos. Um dos reais objetivos de se trazer o cordel para a sala de aula é primeiramente promover o incentivo à leitura, como também envolver os alunos com a sua própria cultura e construir conhecimentos a partir das vivências leitoras e estéticas, estimulando um olhar crítico do que se vê e do que se lê. Não se deve aprofundar na questão histórica do surgimento do cordel, pois se pode acabar cometendo o mesmo equívoco do ensino de literatura no Ensino Médio, que, como já apontado, visa apenas conhecer termos literários, correntes literárias, a parte

mais técnica e teórica e a fruição não acontece. Os docentes devem refletir no momento em que se propõem a colocar o cordel como um subsídio para trabalhar conteúdos e estímulos à leitura, para que não se perca entre os estudos teóricos. É importante promover atividades em que os alunos possam ler e aprofundar discussões a partir de abordagens os folhetos sugerem, por um entrelaçamento de forma prazerosa. Se não se descobrirem poetas, certamente se descobrirão leitores proativos no fazer e no conhecer a leitura dos elementos populares, que neste caso seria o cordel.

A leitura de cordel é para todos, não existe um público definido, tal como nos dão a conhecer os registros históricos sobre os folhetos, que não se destinavam a um público especial. Não existe um cordel para crianças, outro para mulheres, ou para idosos, ou adultos. Sendo um tipo de literatura tão democrático neste sentido, no qual a segregação por públicos não se faz presente, os folhetos revelam um aspecto importante em relação aos processos educativos, pois sua fruição alcança muitas pessoas. As histórias fantásticas, por exemplo, que compõem os versos do cordel, podem emocionar, agradar e estimular a leitura entre jovens e crianças. Ao analisar um cordel que traz em sua temática o elemento fantástico sob a forma, muito frequente, de animais que falam, inegavelmente seu leitor se sentirá atraído, a exemplo do que temos no folheto **No tempo em que os bichos falavam**, de José Francisco Borges. Em relação a esta característica fabulosa bastante comum aos folhetos, podemos perceber um gênero dentro de outro gênero, no caso a fábula dentro do cordel, com narrativas bem humoradas, ressaltando características dos animais, elementos mágicos ou atitudes humanas que a partir do poder da literatura sejam conferidas aos animais. Neste sentido, já se pode pensar um aspecto metodológico do trabalho com o cordel, que seria trabalhar de forma contextualizada com a realidade da fauna em que os alunos estão inseridos, que fará mais sentido para que os alunos se envolvam na leitura, assim, a leitura terá significância para os educandos. Ainda sobre o folheto citado, um dos animais é o bode, muito conhecido na região Nordeste, seria menos interessante se tratasse em um primeiro momento de animais desconhecidos do “mundo” dos alunos, primeiro se trabalharia com o local, depois com o global. Não vamos nos aprofundar necessariamente na utilização metodologicamente do uso do cordel, mesmo sendo importante dissertar sobre o aspecto da significação do que estamos lendo com os nossos alunos e alguns pontos que se tornam interessante no decorrer desse trabalho com a leitura de folhetos e cordel.

Ressaltamos que o trabalho com o cordel na sala de aula terá seus melhores resultados quando conduzido por um professor-leitor, ou seja, sendo o professor alguém que lê e

conhece o material literário com o qual irá desenvolver atividades, certamente o trabalho se constituirá enquanto um percurso prazeroso e construtivo mutuamente entre professores e alunos. É preciso demonstrar gosto pela literatura, fazendo com que esse gosto e esse amor pela leitura literária transborde e contagie os alunos, caso contrário o pragmatismo torna-se ser o viés pelo qual os professores não leitores irão trabalhar o cordel, e é justamente contra isso que os recursos dinâmicos aportam em sala de aula, rompendo com o tradicional e estimulando novos olhares em torno da prática docente.

A poética do cordel é muito rica em conhecimentos estéticos, tanto na questão textual como na prática leitora, na oralização, atentamos para a questão da arte da poética, como também os elementos culturais que o constitui, e a arte literária é muito importante para que possamos nos enriquecer como homens e mulheres, nos tornando pessoas melhores. Como nos aponta Zóboli (1998, p. 56), a poesia está entre os recursos educativos geradores de “imagens e visões poéticas fictícias, estimula a motivação e inflama, aguça, a imaginação de quem aprende passando a adquirir novas atitudes”. Maturando ideias, refletimos que a autora eleva a poesia dentro do cordel, como um elemento que estimula novas atitudes com relação aos alunos, que irão ressignificar o mundo em que vivem, assim também realizando uma nova construção daquilo que puderam ler criando por si mesmo suas poesias, muito influenciados pelos estímulos de autores e professores. Reescrever e rever ideias e conceitos acerca de muitos temas está para além de atitudes, faz-se também no sentido metodológico. Recriar um cordel a partir de suas vivências também seria uma proposta para que os alunos se sentissem capazes de criar e empreender a personalidade que faz parte deles mesmos.

A literatura de cordel pode contribuir muito para uma educação em alinhamento com a realidade, apresentando elementos mais próximos ou não da realidade dos alunos, abrangendo questões que possam nortear debates pertinentes à sociedade, estimulando assim a criticidade nos alunos, de forma dinâmica e divertida. Assim, ao mesmo tempo em que ensina e contribui na formação leitora dos educandos, promove em seus íntimos uma experiência estética que rompe com a palavra escrita, vocalizada, rimada, ressaltando a beleza dos versos que comunica ideias e que pode interferir nas múltiplas realidades que possam afligir e interferir no desenvolvimento social da sociedade. Em síntese, o cordel tem um papel importante na sala de aula e pode contribuir socialmente para despertar interesses coletivos de mudança e organização popular.

O envolvimento e as vivências com a literatura de cordel não necessariamente sugerem grandes esforços por parte dos profissionais da educação e alunos, sendo

imprescindível o prazer do professor para que os alunos se sintam motivados, pois “quando não há prazer – ou ele cessa – o texto muda de natureza” (ZUMTHOR, 2000, p. 35 apud GOMES; CONCEIÇÃO, 2016, p. 46). A subjetividade acerca das reflexões a partir das leituras é um bom aspecto para que os alunos se sintam importantes e motivados a participarem das discussões que envolvem o trabalho com o cordel. Como já sugerido e abordado, a leitura performática é uma experiência muito rica para atrair os alunos em consonância com as experiências propiciadas pelo cordel, que ganhará sentido quando o aluno se reconhecer enquanto sujeito valorizado, que traz consigo o horizonte de expectativas que deve ser levado em consideração para o trabalho com a leitura de forma mais ampla, tendo em conta que ler requer subjetividade, reflexão e assimilação de significados para além de um componente curricular, preparando o educando para uma melhor qualificação social, pessoal e profissional.

### 2.3 O JOGO SÉRIO EM SALA DE AULA

Os jogos proporcionam a possibilidade de situações desafiantes que envolvem os alunos, estimulando-os a brincar e cumprir as missões, assim, desenvolvendo o processo de aprendizagem. Segundo Protopsaltis (2001), os Jogos Sérios (Serious Games), constituem-se como jogos que envolvem tarefas orientadas, visando atingir metas, realizadas em alternância entre o mundo real e o virtual, com vistas a melhorar habilidades cognitivas, críticas e reflexivas dos jogadores. Os jogadores-alunos são responsáveis pelo sucesso das missões institucionalizadas pelos jogos, que podem ser utilizados no enfrentamento de vários desafios sociais, como problemas de estímulos à leitura, desperdício de recursos hídricos, violência contra mulheres e outros relacionados a preconceitos de gênero, etnia etc. Estes e outros temas podem se tornar objeto de intervenção relacionada aos jogos que promovem a discussão e a inserção dos alunos no debate social e se propõem a construir meios para que os alunos tornem-se sujeitos ativos na sociedade em que estão inseridos.

Novas tecnologias de informação e comunicação (conhecidas usualmente como TICs) surgem cotidianamente, entre elas o computador e o celular, cuja presença massiva entre jovens e adultos problematiza sua utilização como ferramentas auxiliares na construção de conhecimento em sala de aula. Neste sentido, pode-se pensar na articulação entre jogos e literatura de cordel, considerando sua integração ao universo cultural dos educandos.



### 2.3.1 As tecnologias no espaço escolar

Desde o início da industrialização, passando pelos últimos anos do século XX e inícios do XXI, as máquinas vêm tomando conta do mercado do trabalho e realizando uma revolução massiva na sociedade contemporânea. A escola não se deve excluir como espaço para estas tecnologias revolucionárias. Atualmente percebermos uma grande aceitação de recursos que têm a função de moderar e aprimorar as estratégias para aumentar os índices de desenvolvimento na educação. As escolas devem acompanhar as tecnologias e efetivar verdadeiramente o uso tecnológico como recurso didático desempenhando um papel transformador e útil à escola e, mais amplamente, à comunidade. É nessa perspectiva de nos aliarmos à tecnologia que tão fortemente vem se fortalecendo junto à juventude, por muitas vezes de uma maneira não pedagógica, pelo contrário, prejudicando o rendimento escolar e afastando os jovens do convívio social. Nossa preocupação é em criar uma ponte com o jogo que não sirva apenas para “brincar”, mas sim “brincar de coisa séria”, estimulando atividades voltadas para o processo de ensino-aprendizagem.

A escola não pode se contentar com a mera utilização de recursos metodológicos, pois é extremamente importante se adequar às novas necessidades da sociedade e do alunado. Ao mesmo tempo, deve-se considerar que os novos recursos devem advir sob uma perspectiva de complemento para melhor desenvolvimento da prática pedagógica que norteia a escola.

Os novos recursos metodológicos estão por toda parte, afirmando-se como subsídio para estimular e tornar o processo de ensino-aprendizagem mais prazeroso e efetivo. Raramente encontraremos alunos que não possuam telefone celular, tablet, vídeo game, ou outro dispositivo digital que venha a ser uma grande oportunidade para a realização de aulas mais dinâmicas. O professor ganha ainda mais relevância em seu papel de agente nas relações entre a escola e alunos, por isso, devemos abordar e traçar projetos concretos para a especialização dos educadores no sentido de familiarizar tais sujeitos com as novas tecnologias, para que, no percurso educacional, a importância e as contribuições tecnológicas não se percam devido ao mau uso, tanto do professor, quanto dos alunos.

A inserção das novas tecnologias como recurso metodológico ainda gera conflitos e polêmicas difíceis de gerenciar, inclusive entre educadores oriundos de um contexto voltado a uma perspectiva educacional mais tradicional, segundo a qual o lúdico e as tecnologias seriam prejudiciais ao desenvolvimento cognitivo e crítico dos educandos.

Os professores precisam estar atentos, conscientes para compreender a tecnologia não como uma vilã, mas, como uma aliada, pois certamente conseguirão desenvolver um trabalho prazeroso e efetivo dentro de suas disciplinas, aproximando os alunos de um novo modelo de educação, aquela que se subsidia do que está próximo para que as aulas não se tornem enfadonhas e chatas, pois, as tecnologias já fazem parte do cotidiano dos alunos.

Pensando na relação dos professores com as novas tecnologias, Prenski (2001) desenvolveu dois conceitos com relação aos diversos públicos frente às tecnologias: nativo digital e imigrante digital. O imigrante digital seria basicamente aquele indivíduo que nasceu em uma época onde a Internet não existia ou era restrita a um pequeno grupo de privilegiados. O nativo digital é aquele que nasceu na era da Internet, e que, em sua maioria, relaciona-se intimamente com todo o aparato disponível e de facilidade de interação com os que utilizam a tecnologia digital.

Os imigrantes e nativos não estão divididos necessariamente pela faixa etária, mas, sim, por questões de proximidade com as tecnologias. O privilégio de acesso às tecnologias e a divisão social podem influenciar muito nesse sentido, sendo assim, estudantes de uma mesma faixa etária, mas de camadas sociais diferentes, podem apresentar desenvolvimentos tecnológicos distintas.

Com relação aos professores, podemos perceber que a maioria deles está entre os imigrantes digitais, justamente pelo fluxo de atividades, pela formação não continuada, negando a esses profissionais a aproximação e o traquejo digital essencial para a vivência necessária com as tecnologias. “Os professores imigrantes digitais assumem que os educandos são os mesmos que sempre foram, e que os mesmos métodos que funcionaram com os professores quando eram estudantes irão funcionar com seus alunos agora” (PRENSKY, 2010, p. 3). Neste sentido, é preciso reafirmar as contribuições das tecnologias, dos jogos digitais que promoverão uma interação e desafiarão os alunos, os sites colaborativos que fomentam e influenciam a dinâmica de uma nova ferramenta de acesso e construção de novos conhecimentos.

A educação interativa é muito importante para uma melhor compreensão e construção de novos conhecimentos. Vamos imaginar aulas de matemática em uma perspectiva mais dinâmica, em que possamos ter as contribuições de uma lousa interativa, na qual as formas geométricas possam ser vistas em várias perspectivas, assim aproximando o aluno dos ângulos, da área a ser calculada. Nas aulas de geografia poderíamos, nesta mesma perspectiva, trabalhar os planos, as planícies, os relevos de uma forma mais interativa, assim também

como em outras áreas do conhecimento, tudo isso é possível, e deve ser adequado a uma nova realidade educacional. Vale ressaltar a importância das plataformas digitais, as quais disponibilizam atividades, conteúdos e muita dinamicidade, sendo um espaço muito importante para que os alunos possam pesquisar e colocar em prática os saberes construídos em sala de aula, tornando-se cada vez mais curiosos, dado que o ato de aprender não cessa fora dos muros da escola.

Quando abordamos a relação professor-aluno, fazemos no sentido de que o aluno precisa ser estimulado pelo professor, ou seja, o conhecimento não é construído passivamente pelo aluno, uma vez que o professor é parte importantíssima nesse processo educativo. Segundo o construtivismo, teoria elaborada pelo biólogo suíço Jean Piaget (1896-1980), o professor é um mediador, exercendo o papel de provocador, criando situações problemas a fim de promover no aluno o desenvolvimento na estrutura de pensamento, raciocínio lógico, crítico e reflexivo, assim, compreendendo, também, que cada indivíduo é único e que cada um deverá ter seu tempo para o desenvolvimento dessas competências a que é provocado a desenvolver.

Quando citamos as plataformas digitais com atividades moderadas pelos professores, é realmente para ilustrar essa importância de parceria, o aluno só irá se interessar pelas atividades componentes da plataforma a partir dos estímulos oferecidos pelos professores em suas aulas.

### **2.3.2 Ler, brincar e aprender**

Antes de abordarmos mais propriamente a temática do jogo em sala de aula, é preciso fazer um passeio pelo campo da psicologia, das teorias interacionistas, a fim de compreender e “defender” o jogo (brincar) no processo de ensino-aprendizagem, a partir de estudos em que se discute a brincadeira como porta de entrada para uma aprendizagem mais estimulante e prazerosa. É a partir da brincadeira que a criança desenvolve a imaginação, memorização, criatividade, pois, pela imitação, a criança se espelha no adulto. Brincar é importante para o ser humano, amplia os horizontes, humaniza, fazendo, portanto, parte da vida dos humanos em sociedade. A saúde física e mental depende de vários fatores (alimentação, higiene, exercício físicos etc.) e o lazer configura-se como um bom caminho para manter o psicológico e o cognitivo em equilíbrio.

Alguns estudos apontam que foi em Roma e na Grécia que ocorreram as primeiras percepções mais relevantes com relação à importância do jogo na educação, a partir das considerações de filósofos como Platão e Aristóteles. Platão (1948) seria contrário ao modelo de educação tradicional que se baseava na severidade e repressão. Aristóteles, compartilhando do mesmo pensamento de Platão, enaltece o jogo como uma atividade necessária ao desenvolvimento social e cognitivo da criança, sugerindo que os jogos sejam baseados em atividades de imitação do real, preparando assim a criança para a vida. Refletindo sobre os pensamentos de ambos os filósofos gregos, chama-nos a atenção para o que Aristóteles sugere com relação às atividades subsidiadas pelo jogo. Não sendo apenas uma brincadeira, os jogos estão para além do “brincar” e esta atividade não se encerra por ali, existem contribuições que a escola e a sociedade precisam compreender. O jogo não é descontextualizado da realidade das crianças, ou seja, ele virá a fazer parte da sua vida, com o norteamo de lhe preparar para situações reais que possam vir a contribuir para formar sujeitos pensantes e mais conscientes.

É preciso ressaltar a importância das crianças no contexto social, fazendo com que estas sejam sujeitos ativos no convívio em sociedade e nada melhor do que socializar brincando, desde que a brincadeira seja conduzida de forma que, as crianças possam ser sujeitos da ação. Para Froebel (1912, p. 55 apud Kishimoto, 1996), a brincadeira é um ato natural do ser humano, e é importante para as crianças, em qualquer fase da vida, ao mesmo tempo em que é lúdica, tem uma significação e constrói sentidos. Crianças que são estimuladas e se dispõem a brincar com determinação certamente se tornarão adultos com mais coragem para buscar seus objetivos, promovendo o seu bem estar e o dos outros, fazendo-se homens e mulheres a partir das relações que o “brincar” promove.

É nesse sentido que os jogos podem não apenas auxiliar para uma melhor compreensão de conteúdos meramente ilustrativos, mas, naturalmente, romper com um sentido pragmático e auxiliar na formação crítica e cidadã de crianças, jovens e adultos, porque a brincadeira e o interesse por atividades voltadas para desafios e construção de conhecimento não se direciona apenas aos “pequenos”, os adultos também são sujeitos importantes para a aplicação e estímulos do lúdico e da aprendizagem refletida sob um prisma da brincadeira.

Segundo Áries (1981), na antiguidade, crianças e adultos se engajavam em atividades lúdicas, representando importante aspecto na vida das pessoas. As crianças tinham os

momentos livres para os jogos, mas, também participavam dos jogos dos adultos, sinalizando assim, trocas grupais que eram muito importantes para ambos.

### **2.3.3 O Jogo SériO como aliado em Sala de Aula**

É relevante conhecer e fazer com que os avanços tecnológicos sejam articulados ao espaço da escola. O jogo sério utilizado pode revelar-se uma ferramenta de grande proveito no estímulo à aprendizagem e à comunicação, entre outras possibilidades de desempenho social, os quais, uma vez semeados, podem ser colhidos se cultivados de forma adequada. A cibercultura é uma realidade, tanto que existem incentivos e cobranças por parte da sociedade pela inserção dessas tecnologias na escola. Constantemente professores pensam aulas mais dinâmicas e interativas, tornando-se condizentes com a realidade da interface tecnológica que acompanha os alunos das escolas brasileiras. Desprovidos de todo aparato tecnológico (não em materialidade de equipamentos, mas em habilidades de manuseio), alguns professores negligenciam o trabalho com a tecnologia em sala de aula, não propriamente por sua posição como imigrantes digitais, e sim, devido a um sistema educacional que apenas cobra resultados e desconsidera todo um percurso pedagógico e formador docente que carece ser realizado para que o jogo digital, os computadores, celulares e outros elementos tecnológicos que compõem a cibercultura, possam desenvolver um trabalho relevante na educação e na vida dos jovens, para fins pedagógicos relevantes na sua formação social.

O jogo sério entra em cena no contexto escolar com vistas a ampliar as possibilidades de construção do conhecimento, sendo assim, visa também desenvolver nos educandos responsabilidades enquanto jogadores. Obviamente os jogos e suas temáticas não serão elementos descontextualizados da realidade e dos conteúdos empreendidos durante as aulas, mas serão articulados visando meios para atingir resultados com diversão, socialização e dinamismo.

Para realizar um trabalho eficaz no sentido pedagógico, os jogos devem trabalhar em consonância com as disciplinas estudadas pelos alunos, visando promover a dinâmica necessária para o desenvolvimento cognitivo e intelectual dos educandos (GROSS, 2003). Mais que desenvolver os próprios conteúdos é preciso ir além, compreender que o mundo se modifica constantemente e que é relevante se empenhar no sentido de criar meios para que as tecnologias entrem na escola como um fator importante da sociedade.

Os jogos ultrapassam a limitação do entretenimento e se ampliam no sentido de possibilidades de significação dos jogadores atuais. Neste sentido, dialogaremos a partir das contribuições de Jane McGonigal, designer de jogos digitais que defende os jogos para o desenvolvimento de práticas conscientes através do ato de jogar, desencadeando transformações sociais e, em um futuro muito próximo, desenvolver soluções para problemas globais.

A realidade não basta, os jogadores precisam estar em contato com o virtual para que possam se desenvolver enquanto pessoas que irão competir e serão motivadas a continuar tentando, mesmo se perderem, enquanto na vida “real” ao se depararem com os primeiros obstáculos, já ficam frágeis e desmotivados, pensando imediatamente em desistir de tais objetivos. “Jogadores adoram ser desafiados em missões imponentes, são indivíduos altamente esperançosos”<sup>4</sup>. A motivação é uma das grandes molas propulsoras dos jogos, é preciso estar preparado para conseguir uma vitória épica, o que vemos atualmente são pessoas desanimadas, que só pensam nos problemas e não vislumbram soluções, e o que acontece com os alunos e professores nas escolas? Estão extremamente desmotivados, a qualidade do ensino deixa a desejar, é importante motivá-los a serem jogadores, a buscarem suas vitórias épicas cotidianamente. Em um contexto social tão heterogêneo, estar em sala de aula buscando ser bom naquilo que o professor se propõe, não desistindo dos alunos mais complicados e ainda ter uma vida social, não é fácil. Os desenvolvedores de plataformas gamificadas são verdadeiros desbravadores da modernização e afirmação das tecnologias em sala de aula, criando um arsenal de possibilidades para solucionar problemas, partindo do virtual para o real, é motivacional. Sobre isto, McGonigal disserta:

Se usarmos tudo o que os criadores de jogos aprenderam sobre a otimização da experiência e a organização de comunidades colaborativas, e aplicarmos isso à vida real, prevejo jogos que nos estimularão a começar bem o dia depois de acordarmos. Prevejo jogos que reduzirão nosso estresse no trabalho e aumentarão drasticamente a satisfação profissional. Prevejo jogos que irão tratar da depressão, obesidade, ansiedade e transtorno de déficit de atenção. Prevejo jogos que auxiliarão os idosos a se sentirem envolvidos e socialmente conectados. Prevejo jogos que aumentarão suas capacidades humanas mais essenciais – sermos felizes, resistentes e criativos – e nos darão poder para mudar o mundo de formas significativas. (MCGONIGAL, 2012, p. 23-24).

---

<sup>4</sup> Fala de palestra de Jane McGonigal intitulada: *Jogando por um mundo melhor*. Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=dE1DuBesGYM>.

A gamificação é uma ferramenta importante para o trabalho com jovens das escolas atuais, como já discutido e ressaltado no decorrer desta monografia. A tecnologia nas escolas é uma realidade, os jovens possuem diversos aparelhos eletrônicos que devem transcender os limites do mero entretenimento para se tornarem aliados na resolução de problemas sociais, no melhor aproveitamento dos conteúdos trabalhados em sala de aula.

Utilizando-se as novas ferramentas tecnológicas, muitos serão os ganhos para educadores, educandos e a sociedade em geral. Ainda sobre as contribuições desenvolvidas e divulgadas por MCGonigal, é importante ser um/a entusiasta, acompanhar os avanços tecnológicos, encarar as atividades que os jogos possam propor como suportes alternados entre as realidades virtual e real, é para isto que devem ser incentivados os jogos digitais com direcionamentos pedagógicos e sociais, sabendo que, não só no mundo digital se desenvolverá missões, mas, este seria o ambiente motivacional do aluno/jogador, estimulando o raciocínio, a socialização que os jogos, principalmente online, podem promover, propiciando o compartilhamento de experiências com pessoas diferentes, partindo do virtual para o real.

A partir destes breves apontamentos, podemos perceber que não seria em vão investir momentos no trabalho com jogos digitais em plataformas de gamificação que sugerem aprendizagem, entretenimento, motivação, avanços sociais, bem estar físico e emocional etc.

#### **2.3.4 A Plataforma LerAtos de Gamificação da Leitura**

LerAtos é uma abordagem inovadora de ensino-aprendizagem na escola que usa jogos sérios de realidade alternada e leitura e produção de textos de teatro, para desenvolver suas habilidades de leitura e escrita, melhorar o desempenho em conteúdos curriculares interdisciplinares e aumentar o nível de engajamento dos estudantes e professores em ações sociais em suas respectivas comunidades. Nesta abordagem, os jogos caracterizam-se por missões vividas, parte nos mundos virtuais, oportunistados aos jovens no computador e em dispositivos móveis, e parte em palcos do mundo real, nos quais estes jovens estudantes aplicam conhecimentos dos conteúdos curriculares e textos dramaturgicos para resolver problemas de uma cidade. Por meio dessa gamificação da leitura os estudantes identificam problemas de pessoas e instituições do mundo real que podem ser resolvidos com o uso de um conhecimento e propõem soluções que os levam a praticar o que se conhece como espiral do conhecimento em um ambiente híbrido de aprendizagem que inclui 3 palcos construídos a) na

sala de aula, b) em um espaço virtual na web e c) no entorno de vivência do estudante (comunidade), respectivamente. Nestes espaços, durante um período de uma temporada de jogo, os estudantes, apresentados a uma sequência de situações pré-programadas pelo professor, vivem um papel de um personagem representativo de uma experiência problemática, devendo expor de forma oral e expressiva este papel para os demais atores da situação, visando adquirir conhecimento para construir, colaborativamente, a solução, aplicando os saberes embutidos no conteúdo curricular e no texto dramático usado, bem como praticando a espiral do conhecimento durante leituras performáticas.

LerAtos foi desenvolvida na Unidade Acadêmica de Sistemas e Computação (Centro de Engenharia Elétrica e Informática) pelo Atelier de Computação e Cultura da UFCG. É um MetaGame que é personalizado pelo professor para transformar-se em um jogo sério em realidade alternada em que os jogadores vivem experiências de leitura inovadora em mundos virtuais e no mundo real. LerAtos é composto de duas plataformas tecnológicas que podem ser adaptadas pelo próprio professor, por meio de processo muito simples de game design de jogos sérios de realidade alternada, para um tema social complexo escolhido e para um projeto pedagógico específico.

A plataforma tecnológica do LerAtos oferece recursos tecnológicos em dois ambientes: um aplicativo mobile que funciona no celular e um site interativo na web, os quais dão apoio aos professores e aos formadores de professores em seus processos criativos de gerar jogos de leitura performática. No ambiente móvel, os jogadores estudantes dispõem de recursos de georreferência de toda ação realizada usando o GPS, ferramentas e itens para registro e envio de arquivos de texto multimodal, áudio e vídeo, missões de ação no mundo real, minigames e quizzes temáticos, aplicativos reconfiguráveis para produção artística multimodal (leitura-escrita de texto, gráficos, áudio e vídeo) e feira virtual das obras produzidas pelos jogadores (“comércio” eletrônico de bens culturais). No ambiente web (site interativo), os jogadores professores e formadores de professores dispõem de um sistema-fábrica de missões para mundos virtuais e para o mundo real, um painel de controle da experiência de jogo, um sistema de informação georreferenciada, um ambiente de capacitação online de jogadores (alunos e professores), uma rede social própria e conexões com as principais redes sociais abertas (whatsapp, facebook, instagram etc.).

As missões correspondem a atividades específicas de leitura que envolvem as práticas de liderança, pesquisa, ensino e extensão, destinadas a criar uma obra multimodal de impacto no tema do problema complexo escolhido, com valor reconhecido para a comunidade



envolvida no jogo. Estas obras nascem de uma experiência de leitura de um texto multimodal (texto, áudio, vídeo etc.), que trata do tema escolhido, que torna o leitor também autor de uma determinada imagem do real que ele constrói – a partir da leitura que fez deste texto –, como também o move em direção ao outro e ao seu outro mundo. Nestas missões a leitura torna-se teatral, performatizada, mas, no teatro da vida, nos espaços de sua vivência (escola, lar etc.), contextualizando o conteúdo lido e recriando o texto (tarefas de redação) ou criando novos suportes (novas obras em texto, áudio, vídeo, fotos, HQs etc.) a partir de um texto inicial. Estas novas obras ou produtos são expostos para os jogadores e para a comunidade, usando-se o recurso Feira Cultural de LerAtos, no qual se constrói um modelo de prática de empreendedorismo sociocultural. Na Feira Cultural, os jogadores podem vender e comprar itens do jogo e as obras criadas por todos, usando suas moedas virtuais de energia cultural (Actos) conquistadas nas missões, podendo também converter essas moedas em bens e serviços do mundo real, oferecidos pelos atores empreendedores patrocinadores do jogo. O conjunto de missões definidas pelos professores e agentes formadores de professores corresponde a um jogo específico de leitura inovadora: um jogo de LerAtos. Um jogo de LerAtos pode ser dividido em diversas temporadas para considerar as prioridades dos programas curriculares e agendas operacionais das escolas e dos programas de formação de professores das IES, assim como as agendas culturais dos ambientes urbanos e rurais dos jogadores.

O jogo sério em realidade alternada CordelWhats, um dos objetos do estudo deste TCC, foi desenvolvido com a metodologia e alguns recursos da plataforma de gamificação LerAtos, em particular, com o uso dos recursos da plataforma tecnológica de redes sociais WhatsApp

### 3 METODOLOGIA

Abordamos nesta seção aspectos importantes da pesquisa, desde o tipo de estudo escolhido para nortear o desenvolvimento das ações para a realização do trabalho, assim como a abordagem de elementos materiais e conceituais importantes para a compreensão e estruturação da pesquisa: participantes envolvidos nas ações propostas na composição do campo de pesquisa, o local onde estão inseridos estes participantes, assim como conhecer a dinâmica e a organização dos espaços que propiciaram momentos de reflexão, observação e construção dos conhecimentos relatados a seguir, além dos instrumentos que foram utilizados para a coleta e análise dos dados, alicerçando nosso trabalho de pesquisa.

#### 3.1 TIPO DE ESTUDO

O método utilizado para a realização desta pesquisa baseou-se em uma abordagem experimental, ou seja, a partir da realização de um experimento envolvendo um grupo de estudo e um grupo de controle, aplicando variáveis pré-estabelecidas para testar e validar hipóteses. Segundo Gil, a pesquisa experimental consiste:

Essencialmente em determinar um objeto de estudo, selecionar as variáveis capazes de influenciá-lo e definir as formas de controle e de observação dos efeitos que a variável produz no objeto. Trata-se, portanto, de uma pesquisa em que o pesquisador é um agente ativo, e não um observador passivo. (GIL, 2002 p. 7).

Com relação aos grupos os quais foram estudados, grupo de controle e o grupo de estudo, o pesquisador atuou cotidianamente na dinâmica do grupo de estudo, participando de atividades voltadas para a leitura e a escrita de folhetos de cordéis, além da aplicação de um jogo sério como um diferente suporte textual, implicando em variáveis como engajamento, motivação e desempenho. No grupo de controle as observações foram a única atividade realizada na pesquisa, a fim de comparar as variáveis implicadas no grupo de estudo.

#### 3.2 PARTICIPANTES

Os participantes deste estudo foram aluno/as do 7º ano do Ensino Fundamental II, distribuídos em duas escolas públicas municipais, incluídos na faixa etária entre 14 e 17 anos e distribuídos da seguinte maneira: a) grupo de estudo - 20 alunos matriculados na Escola

Padre Paulo Roberto de Oliveira e b) grupo de controle - 21 alunos matriculados na Escola Presidente Vargas, ambas sediadas no município de Sumé-PB

### 3.3 LOCAL DO ESTUDO

Firmou-se uma parceria entre a pesquisa para o trabalho de conclusão de curso e um projeto de extensão da UFCG que já vinha desenvolvendo práticas leitoras nas instituições de ensino escolhidas para o desenvolvimento da experiência, na qual tivemos a oportunidade de fomentar paulatinamente as práticas de leitura de cordel aliadas ao jogo CordelWhats, na Escola Padre Paulo Roberto de Oliveira e Unidade Municipal de Ensino Fundamental Desembargador Feitosa Ventura, localizadas em Sumé, região do cariri paraibano (Mapa1), mais precisamente na mesorregião da Borborema e microrregião do cariri ocidental. A localidade possui um território de 838.1km<sup>2</sup>, configurando-se como um município de pequeno porte com uma população de 16.060 habitantes, entre os quais, 12.236 residem na zona urbana, segundo a contagem populacional realizada em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Ainda assim, é considerada de médio desenvolvimento com Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,627 (BRASIL 2011).

Mapa 1 – Localização do Município de Sumé no Estado da Paraíba



**Fonte:** Google

Ambas as escolas são municipais e caracterizadas como escolas do campo, desenvolvendo em suas práticas curriculares os princípios da Educação do Campo, conforme define o Decreto 7.352 de 4/10/2010 no Art. 2º:

I - respeito à diversidade do campo em seus aspectos sociais, culturais, ambientais, políticos, econômicos, de gênero, geracional e de raça e etnia;

II - incentivo à formulação de projetos político-pedagógicos específicos para as escolas do campo, estimulando o desenvolvimento das unidades escolares como espaços públicos de investigação e articulação de experiências e estudos direcionados para o desenvolvimento social, economicamente justo e ambientalmente sustentável, em articulação com o mundo do trabalho;

III - desenvolvimento de políticas de formação de profissionais da educação para o atendimento da especificidade das escolas do campo, considerando-se as condições concretas da produção e reprodução social da vida no campo;

IV - valorização da identidade da escola do campo por meio de projetos pedagógicos com conteúdos curriculares e metodologias adequadas às reais necessidades dos alunos do campo, bem como flexibilidade na organização escolar, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; e

V - controle social da qualidade da educação escolar, mediante a efetiva participação da comunidade e dos movimentos sociais do campo.

### 3.4 INSTRUMENTOS

A pesquisa foi desenvolvida a partir da aplicabilidade do Jogo sério (uniformizar a grafia do termo), utilizando-se também a escala de Likert, listas de frequência, diários de classe, questionários e diário de campo.

### 3.5 PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS

A pesquisa foi realizada através de um roteiro de atividades que sofreu alterações devido às demandas da escola. O roteiro foi elaborado inicialmente incluindo as seguintes etapas:

#### 1º Momento:

- a) Exibição do curta de animação **The Fantastic Flying Books of Mr. Morris Lessmore** como estímulo para refletir sobre a importância da leitura, destacando personagens e suas ações no enredo.
- b) Apresentação da temática relacionada ao folheto de cordel e suas origens no Nordeste do Brasil, enfatizando as diferenças entre esta produção literária e o cordel lusitano. Disponibilizar folhetos variados para manuseio e apreciação.
- c) Apresentação do jogo CordelWhats e sua utilização como ferramenta para realização das atividades que serão desenvolvidas.

#### 2º Momento:

- a) Leitura compartilhada do cordel **A revolta da bicharada contra a vaquejada** (de Claudson Faustino) e **Os animais têm razão** (de Antonio Francisco).
- b) Discussão sobre a temática abordada no cordel, motivando os estudantes a relacioná-la à problemática da água e à crise hídrica no planeta.
- c) Discussão sobre as personagens dos folhetos, destacando suas atitudes e ações no enredo.

### 3º Momento:

- a) Apresentação de outras possibilidades para se contar a história do folheto utilizando outras formas literárias, entre elas a que se usa para produzir filmes, animações, séries de TV e espetáculos de teatro, em que são os próprios personagens, por meio de suas falas, que contam a história, sem a necessidade de um narrador.
- b) Propor a elaboração de uma pequena cena entre dois personagens dos dois folhetos lidos no encontro anterior sobre um aspecto das histórias narradas.
- c) Propor a reescrita dos folhetos lidos realizada em duplas.

### 4º Momento:

- a) Realização de leitura coletiva em voz alta de uma das versões do cordel reescrito em forma de texto de teatro.
- b) Realização de leitura performática do cordel reescrito pelas duplas.

Dentre os momentos propostos no roteiro, apenas a releitura de um dos cordéis trabalhados em sala de aula não foi possível realizar, visto que os alunos ainda vivenciaram muito pouco as experiências com a literatura de cordel, deixando em primeiro plano a leitura e o manuseio dos folhetos. Outras atividades relacionadas ao roteiro também foram vivenciadas, como a obtenção de informações com relação às turmas referidas nesta experiência, diálogo em torno das vivências entre professor/as e aluno/as, das interações sociais escolares (presença, participação, comportamento, desenvolvimento das atividades), com vistas ao reconhecimento do universo dos sujeitos da pesquisa.

## 3.6 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS

Os dados foram analisados a partir das atividades que foram desenvolvidas, refletindo-se sobre a eficácia das atividades, através dos indicadores de engajamento: preguiça, disposição para ficar na sala de aula, disposição para participar das atividades propostas.

## 3.7 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Esta investigação está ciente da importância em considerar a Resolução do Ministério da Saúde 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, de que as pesquisas no âmbito das Ciências que lidam com seres humanos, devem ser submetidas à aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa. Para tanto, far-se-á uso do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido contendo os objetivos da pesquisa, a não obrigatoriedade em participar da mesma e o anonimato dos participantes, que será entregue e assinado pelos participantes.

## 4 RELATO DA EXPERIÊNCIA

Um curto, mas, árduo percurso foi pensado e maturado para que pudéssemos realizar momentos de leitura que focalizassem a importância do leitor e dos gêneros textuais para despertar a atenção dos alunos em relação a hábitos leitores prazerosos, distanciando a leitura como algo meramente ilustrativo de conteúdos ou obrigatório a determinada postura de professores que assumem a leitura como algo para intimidar ou apenas para ser um elemento de aprovação de seus alunos/as. Assim sendo, discorreremos aqui sobre a experiência com o trabalho da leitura de cordéis, também como a experiência que norteou outra possibilidade de leitura através dos suportes tecnológicos como o jogo CordelWhatts.

Nossas observações e atividades nas duas escolas referidas anteriormente iniciaram-se no dia 02/08/17. Previamente nos reunimos para tratar com as professoras as questões de horários, disponibilidade em ajustar os conteúdos para que se pudesse existir unidade na escolha dos mesmos. O conteúdo escolhido foi “transitividade verbal”, trabalhado durante nosso trabalho de experimentação. Já em sala de aula, o primeiro momento contemplou a explicação de nossa proposta no grupo de estudo (Sala do 7º “B”), explicitando motivações e expectativas para o trabalho com a leitura de folhetos de cordéis e o trabalho com o jogo sério.

### 4.1 OBSERVAÇÕES E ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO GRUPO DE ESTUDO

A turma do 7º “B” é composta por 20 alunos matriculados, dos quais comparecem com assiduidade às aulas, em média, de 12 a 14. Descrevemos a seguir a experiência empreendida no grupo de estudo.

Tivemos um momento de aproximação e socialização sobre a literatura de cordel, assim como a abordagem das diferenciações que distinguem a estrutura dos folhetos brasileiros e dos folhetos lusitanos, no tocante ao jogo, dialogando acerca de sua utilização em sala de aula, não apenas como uma brincadeira, mas, resultando em um elemento de transformação social, relacionado, especificamente neste caso, ao desinteresse e falta de gosto pela leitura.

**07/08/17:** Realizamos nossa primeira observação acerca do conteúdo referente à transitividade verbal. Neste momento observamos o desinteresse e a falta de atenção que a maioria dos alunos do grupo de estudo mantinha durante toda a aula. Alguns alunos ainda contribuíram com a aula expositiva da professora, a qual buscou envolvê-los no conteúdo, perguntando o que eles entendiam por transitividade verbal, alguns se referiram a trânsito de

carros/ciclistas/peDESTRES, já outros tentaram elaborar respostas mais próximas do que seria a transitividade verbal, e a aula seguiu com um ritmo pouco favorável para a construção do conhecimento, o barulho, às vezes, era muito perturbador na sala do 7º “B”, mesmo com pulso firme, vez ou outra a professora precisava pedir para que os alunos mais trabalhosos se retirassem da sala, tudo isto, para que os alunos e alunas que queriam assimilar o conteúdo pudessem está e se sentir em um ambiente propício à aprendizagem.

**09/08/17 (Intervenção):** Fizemos uma pequena intervenção a partir da exibição da animação **The Fantastic Flying Book of Mr. Lesmore**, a fim de refletir acerca da importância da leitura destacando as personagens e suas ações no enredo. A maioria dos alunos demonstrou interesse em assistir e comentar sobre a questão da leitura. Refletiu-se sobre as ações das personagens que compõem a animação.

Neste mesmo momento, refletimos e reforçamos um pouco mais sobre o surgimento do cordel no Brasil, especificando as diferenças entre o cordel lusitano e o cordel brasileiro (Nordeste em específico). Quando perguntados sobre a importância da leitura, muitos falaram que a leitura era importante para tudo, uma aluna não soube explicar a importância da leitura, nem tão pouco quis formular uma opinião ou resposta, sendo respeitada a postura da aluna.

**15/08/17 (Observação)** Regência da professora. Nesta aula, deu-se continuidade ao assunto abordado ao longo do percurso experimental, “a transitividade verbal”. A aula aconteceu de maneira dialogada, aula expositiva, momento em que cinco alunos demonstraram certo interesse pelo assunto, alguns interagiram com a aula, mas, sempre com brincadeiras e atrapalhando os demais colegas.

**18/08/17 (Intervenção):** Foi realizada a leitura compartilhada do cordel: “A revoltada da bicharada contra a vaquejada”. Logo após a leitura, refletimos sobre as personagens que fazem parte da história, destacando suas ações e importâncias dentro do enredo cordelístico.

Durante a intervenção, conseguimos fazer a ponte entre a temática referente à vaquejada e os usos e desusos da água no planeta. Um dos alunos perguntou que relação um animal como o gato teria com a vaquejada, foi justamente a partir daí que percebermos que, mesmo quando um problema não nos afeta diretamente, precisamos combatê-lo, desta forma, a água é um bem comum de todos, tornando-se responsabilidade comum.

Quando citado no cordel, o homem é visto como um animal sem coração que maltrata os animais, fazendo um paralelo com a responsabilidade que o homem deve ter com os usos e desusos com a água. Percebeu-se um bom engajamento dos alunos/as, que, com boa vontade, realizaram a leitura e refletiram sobre os elementos norteadores do cordel trabalhado. Vale ressaltar a importância e os estímulos oriundos da professora regente da turma.

**21/08/17 (Observação):** Neste dia a professora ministrou duas aulas seguidas. No primeiro horário, fizemos a observação da continuidade do conteúdo (transitividade verbal-identificação do verbo e seus objetos) e, no segundo horário, eu propus a próxima intervenção de leitura.

Na observação, muitos alunos se dispuseram a colaborar com a aula, questionando e realizando o exercício de fixação proposto pela professora. Percebemos que dois alunos, bastante trabalhados não se interessaram pelo exercício, ao final da aula, a professora fez a correção no quadro e os alunos acompanharam atentamente.

**21/08/17 (Intervenção):** No segundo momento, em parceria com a professora, solicitamos aos alunos/as que fizessem, espontaneamente, a leitura do cordel (A chegada de Ariano Suassuna no céu), por autoria de: Klévisson Viana e Bule-Bule. Muitos alunos se recusaram a participar, com exceção de quatro alunos/as que prontamente se dispuseram a participar.

Nesta primeira atividade de leitura, trabalhamos a entonação e, durante o processo de ensaio, percebemos uma grande deficiência na pronúncia e na concordância, para a realização da leitura, e, conversando com os mesmos percebemos que faltava um incentivo para que estes descobrissem a real importância da leitura, no entanto, continuamos o nosso trabalho leitor, seguido de outras leituras pausadas, para que pudéssemos rever o que estava errado, obviamente de forma respeitosa a construir uma relação de confiança, e os participantes desta atividade se sentiram a vontade para errar e serem corrigidos sem constrangimentos.

Esta atividade com a leitura do cordel citado foi apresentada para os demais alunos da turma acompanhada 7º B e, conseqüentemente, os alunos/as fizeram a leitura como uma das apresentações da culminância folclórica da escola. Ressaltamos que a professora se propôs a ajudar nesta atividade. Nos dias que se sucederam, a mesma fez o acompanhamento da leitura com os alunos. No dia 30/08 foi realizada a culminância folclórica da escola, em que os mesmos alunos/as que se disponibilizaram a participar do trabalho com o cordel “A chegada



de Ariano Suassuna no Céu” fizeram a apresentação para os demais alunos e funcionários da escola. Inicialmente demonstraram um pouco de nervosismo, o que foi normal para o nível de inibição que estes mantinham dentro de outras atividades escolares, mas, sendo uma semente que foi plantada naquele momento, ressaltando a importância do aluno no fazer docente, é preciso que os alunos e alunas se engajem nessas atividades participativas. Os outros alunos ficaram muito satisfeitos com o trabalho dos colegas participantes.

**01/09/17 (Intervenção):** Realizamos a leitura do cordel “Os animais têm razão” por autoria de Antonio Francisco. Presenciamos um momento muito interessante, visto que os alunos se empenharam muito na leitura, demonstrando interesse e participando ativamente. Alguns alunos/as que nunca demonstraram boa vontade para participar das intervenções, neste momento nos surpreenderam e fizeram a leitura e comentaram acerca dos aspectos que mais lhes chamaram à atenção durante a narrativa, concordando com a afirmação do autor, de que os animais têm razão, alguns alunos falaram que se compadeciam dos sofrimentos vivenciados pelos animais e pela natureza.

Neste folheto, sete são os animais abordados pelo autor. Dividimos os personagens e os alunos fizeram a leitura performática. Nesta divisão, os personagens que compõem o cordel foram disputados, ficamos muito felizes pelo engajamento e a motivação demonstrada pelos alunos/as.

**04/09/17 (Intervenção):** A partir da atividade de leitura do cordel “Os animais têm razão”, foi proposta a recriação da narrativa em HQ (História em Quadrinhos). Alguns alunos/as não queriam fazer a atividade, preferiam ler o cordel novamente, mas, depois de explicada a proposta, foi possível o início da atividade. Mais uma vez fomos surpreendidos pelo engajamento dos alunos, como já citado, no primeiro momento, o desejo de ler novamente o cordel. No segundo momento, alunos e alunas empenhados em desenhar e recriar aquela narrativa que lhes chamou tanta atenção.

**11/09/17 (Intervenção):** Reservamos o primeiro momento da aula para que os alunos/as pudessem ampliar a construção das HQs sobre o cordel trabalhado anteriormente. No segundo momento da aula, lançamos o jogo CordelWhatts e a seguinte missão a ser realizada pelos participantes:

Um vírus mutante chamado AntiCord está provocando uma catástrofe no Planeta dos Cordéis Encantados. A qualquer hora do dia ou da noite o vírus se transforma misteriosamente em uma substância rochosa que cresce e forma um muro de pedra no chão ao redor de uma pessoa que lê e que fala, isolando-a das demais. Com o tempo ela perde o poder do verbo e não consegue mais ler nem escrever e nem se comunicar mais com ninguém. Os Guerreiros Nindéis são Ninjas Cordegaláticos que combatem este mal terrível atirando nos muros de AntiCord com uma pistola de transluz, um tipo de raio que destrói o vírus AntiCord que virou pedra e acaba com os muros isoladores das pessoas. Para dar um tiro de transluz o Nindel tem que encontrar nos dois cordéis "Os Animais Tinham Razão" e "Chegada de Ariano no Céu" uma frase com um verbo e classificar se este verbo nesta frase é Intransitivo (**I**), Transitivo Indireto (**TI**) ou Transitivo Direto (**TD**). Exemplo: Você é um Nindel e encontra a frase "Ariano fez a magia". Para dar seu tiro basta você enviar a frase para o grupo Guerreiros Nindéis assim: "Ariano fez a magia - TD".

Deixando todas essas regras bem explícitas e ressaltando a importância dos guerreiros nindéis na luta contra o vírus anticord, deixamos os alunos/as livres para jogar e vencer a missão.

**12/09/17 (Aplicação da nanoprova):** A nanoprova consistiu em uma pequena avaliação destinada aos alunos/as do grupo de estudo e o grupo controle, visando mensurar as possíveis contribuições das atividades com as leituras de folhetos de cordel e a aplicação do jogo sério, revestido de ludicidade e intencionalidade reais e sociais no que diz respeito à leitura, a saber, o interesse e o gosto pela leitura, atividades destinadas ao grupo de estudo e apenas as observações no grupo de controle, a fim de validar as contribuições do cordel e do jogo sério.

#### 4.2 OBSERVAÇÕES NA SALA DO GRUPO DE CONTROLE 7º ANO "A"

A turma do 7º ano "A" é composta por 20 alunos matriculados, diferentemente da turma descrita anteriormente, todos são assíduos e participantes no que diz respeito ao acompanhamento das atividades, conteúdos e engajamento nas atividades culturais promovidas pela escola.

**08/08/17 (Observação):** Nesta primeira observação fui apresentado pela professora regente da turma como um “Professor” que estaria observando as aulas dela para uma pesquisa acadêmica. Por sugestão da professora iniciei as observações por conteúdos que ela ainda precisava finalizar para que pudesse iniciar o conteúdo de transitividade verbal. Com o conteúdo “predicativo do sujeito”, realizei minha primeira observação. Uma aluna demonstrou preguiça, pedindo a professora para que ela não fizesse atividade. Os demais alunos/as estavam aparentemente tranquilos e dispostos a colaborar com a aula e as atividades que fossem sugeridas. Quando foram cobrados com relação a uma atividade repassada para casa, apenas cinco alunos/as fizeram e outros finalizaram em sala de aula. Em principio ficou evidente o engajamento e a participação ativa dos discentes, neste mesmo dia, a professora solicitou a participação dos mesmos em atividades posteriores para o folclore e em uma atividade cultural que a escola iria promover e 90% da turma sinalizou que gostaria de fazer algo, fosse: Cantando, dançando, tocando, apresentando ou recepcionando as pessoas em uma sala temática que viria a ser montada nos dias seguintes.

**15/08/17 (Observação):** Aula expositiva sobre o conteúdo “transitividade verbal”. Houve uma boa aceitação por parte da turma e alguns alunos/as tiraram dúvidas acerca do que seria a transitividade do verbo. Em alguns momentos se agitavam e conversavam muito alto, atrapalhando o desempenho da aula expositiva, sendo chamados a atenção pela professora que tentava explicar o assunto aos alunos/as que apresentavam dúvidas.

**22/08/17 (Observação):** Exercício proposto referente ao conteúdo “transitividade verbal”, os alunos/as demonstraram insatisfação com relação à realização da atividade.

**29/08/17 (Observação):** Aula de revisão referente ao conteúdo que já vinha sendo trabalhado pela professora regente da turma. Exercício proposto para a identificação e classificação com relação à transitividade do verbo (Objeto direto e objeto indireto)

**12/09/17** Aplicação da nanoprova com relação ao conteúdo proposto nas aulas (Transitividade Verbal), para comparação de resultados entre grupo de estudo e o grupo de controle.

Ao finalizarmos as ações que nortearam toda a experiência, desde a elaboração de um breve roteiro para que pudéssemos compreender os possíveis impactos de ações como a

exibição do vídeo **The Fantastic Flying Book of Mr. Lesmore**, ou até mesmo a inserção de uma pessoa totalmente desconhecida dos alunos e alunas no contexto escolar, o que isso poderia propiciar no comportamento dos alunos. Percebemos que a experiência e seus passos seguintes se entrelaçam com os objetivos da pesquisa, o campo de intervenção, assim como as contribuições oferecidas na formação acadêmica e profissional de quem realiza a pesquisa. Ao trabalhar a exibição da animação já citada, estamos refletindo a importância da leitura como comunicação social, como empoderamento de sujeitos que necessitam da palavra para compreender ideias, como Silva (2003), evidencia que os sujeitos que leem sabem dos seus deveres e que a leitura como chave para o conhecimento pode promover uma sociedade mais igualitária e justa para todos. O conhecimento é uma das únicas coisas que fica junto com o ser humano, não pode ser retirado de si. A visualidade das imagens da mesma animação nos instiga a ver e a refletir acerca do que está ao nosso redor, como nos ensina as palavras tão sábias do grande Paulo Freire (1989), a leitura de mundo é a nossa primeira leitura e todos podem ler o mundo, desde que se faça com os olhos de quem reflete sobre tudo e constrói conhecimento a partir das emoções que as imagens provocam.

As imagens a seguir apresentam a experiência do jogo, realizadas no mundo real, nos espaços da sala de aula.



Figura 1



Figura 2



Figura 3



Figura 4

Figura 1: Atividade de leitura do cordel “A chegada de Ariano Suassuna no Céu”

Figura 2: Atividade de leitura do cordel “A revoltada da bicharada contra a vaquejada”

Figura 3: Atividade de leitura do cordel “Os animais têm razão”

Figura 4: Atividade de reescrita do cordel “Os animais têm razão” transformando-o em HQ.

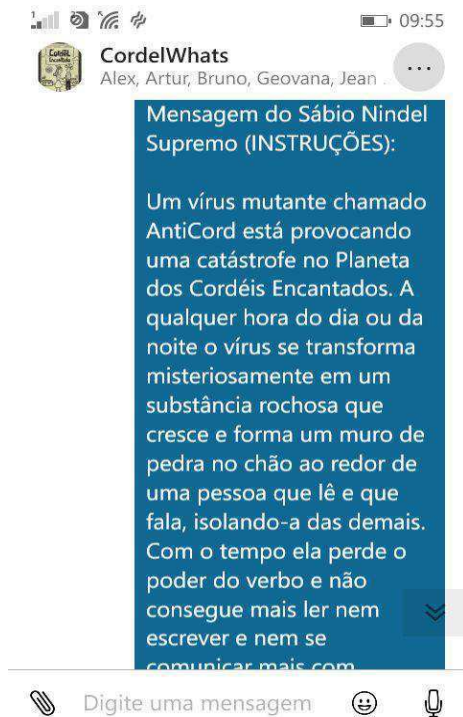
#### 4.3 O JOGO CORDELWHATTS

Para investigar o impacto da literatura de cordel no desenvolvimento de leitores atores sociais e no ensino-aprendizado do conteúdo curricular Transitivity Verbal da disciplina Português, foi criado um jogo de leitura de cordel, o jogo CordelWhats, usando-se a metodologia LerAtos de gamificação da leitura e a plataforma tecnológica da rede social Whatsapp, seguindo-se o seguinte roteiro de experimentação:

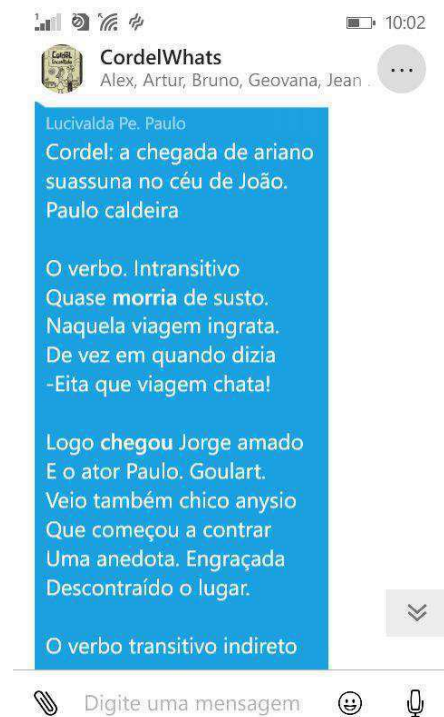
1. Definição de um Grupo de controle (sala de aula B) para a realização de processo pedagógico sem a leitura gamificada do Cordel
2. Definição de um Grupo de estudo (sala de aula A) para a realização de processo pedagógico com a leitura gamificada do Cordel
3. Definição dos objetivos do processo pedagógico referente ao conteúdo Transitivity Verbal da disciplina Língua Portuguesa e dos respectivos indicadores de observação (variáveis)
4. Criação do Grupo/Jogo CordelWhats na referida rede social, seguida da elaboração de missões de leitura e escrita articulada a ação social
5. Aplicação do Jogo em uma das salas de aula (grupo de estudo)

6. Observação dos dois processos pedagógicos nos dois grupos (estudo e controle) seguida de medição das variáveis
7. Análise das variáveis

As imagens abaixo apresentam as experiências do jogo realizadas no mundo virtual do CordelWhats

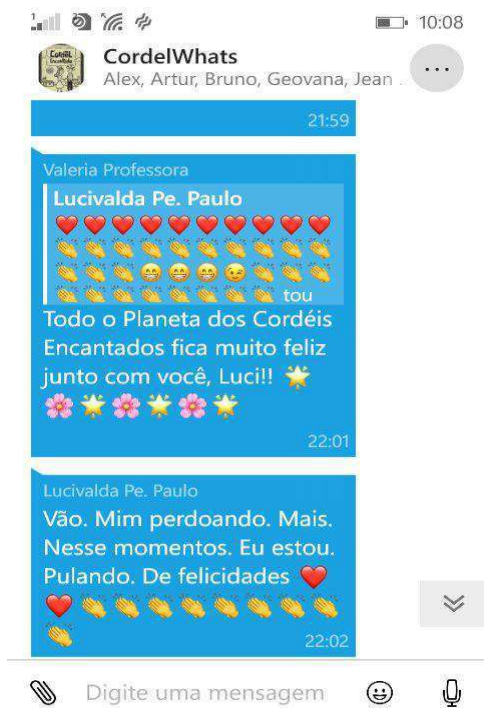


**Figura 1** - Lançamento da missão

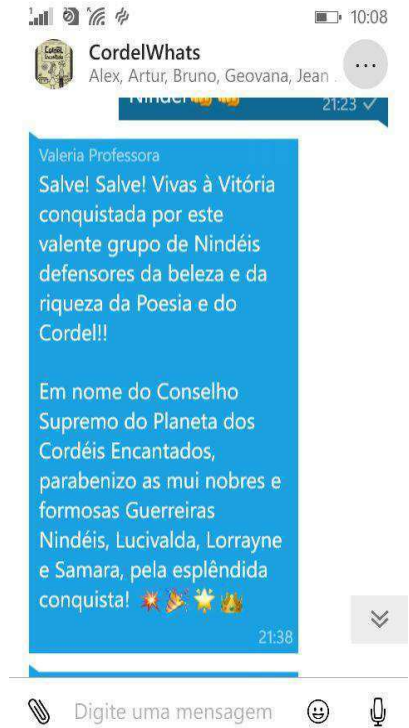


**Figura 2** - Execução da missão (Alunos/as)





**Figura 7** - A alegria demonstrada pela aluna



**Figura 8** - Cumprimentos oficiais da conselheira Nindel



## 5 AVALIAÇÃO DE IMPACTOS DO JOGO CORDELWHATTS

Estudos preliminares, baseados nos princípios de confiabilidade de experimentos de observação participante (LITWIN, 1995), foram realizados para verificar se o jogo CordelWhats impacta favoravelmente os indicadores definidos pelos professores e agentes formadores de professores envolvidos (professores do Curso de Educação no Campo), a saber os indicadores de conhecimento sobre transitividade verbal, e se o CordelWhats é um recurso atrativo para aumentar o engajamento de jogadores em atividades de leitura em geral e de leitura de cordel.

O experimento de validação foi realizado com 14 usuários durante o mês de Agosto de 2017. Estudantes do 7º ano do ensino fundamental da rede municipal de ensino, com proporção de 54,9% e 45,1% do gênero masculino e feminino, respectivamente, e com idade entre 11 e 16 anos. Contando com a participação da professora regente da turma. Todos os participantes do experimento foram treinados para o uso dos recursos do CordelWhats em oficinas presenciais em sala de aula, e o usaram durante uma temporada de dois dias com participação livre dos estudantes em uma missão de leitura gamificada de cordéis no mundo real (na sala de aula e no mundo real) criadas pelos professores, a qual demandou a leitura performática de duas obras de cordel e a análise da transitividade de verbos neles encontrados.

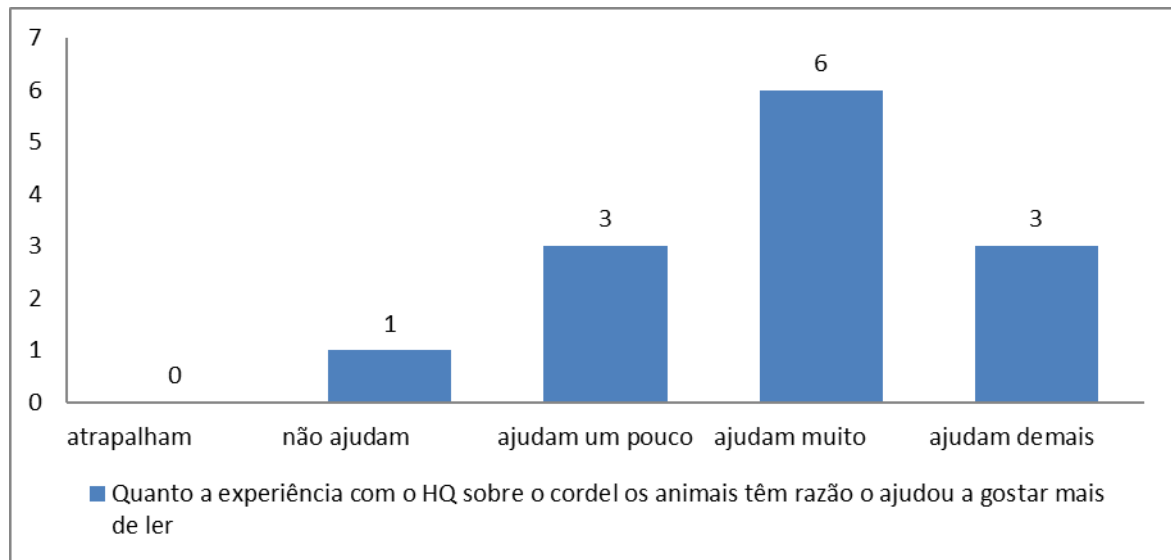
Após este período de intervenção nessas escolas em torno das missões do CordelWhats, os alunos usuários opinaram sobre a influência dos recursos do jogo na motivação para ler e os professores avaliaram comparativamente o desempenho de dois grupos, um que usou o jogo e outro que não usou, em um conceito da língua portuguesa, a transitividade verbal.

Com relação a nossa pesquisa que disserta sobre a problemática da falta de interesse pela leitura por parte dos/as alunos/as que não desempenham competências leitoras e nem leem proficuamente, desenvolvemos momentos de leitura com folhetos de cordéis na Escola Pe. Paulo com a turma do 7º ano “B” (Grupo de Estudo) e, a partir das atividades desenvolvidas, notamos alguns avanços com relação ao despertar para a leitura de forma prazerosa e reflexiva.

Para comprovar que o cordel é um bom instrumento pedagógico para o desenvolvimento dos/as nossos/as alunos/as, fizemos a leitura do cordel “Os animais têm razão”, de autoria do poeta Antônio Francisco, logo após, aplicamos o seguinte questionário,

para saber que impactos o cordel teve para o despertar do ato de ler nestes aluno/as e obtivemos o seguinte resultado:

Gráfico 1 - Impactos com relação às práticas com a leitura de cordel



**Fonte:** Dados da Pesquisa

O questionário foi aplicado com 13 alunos/as. 1 aluno/a respondeu que o uso do cordel não ajudou no despertar para o seu interesse individual enquanto leitor/a. 3 alunos/as responderam que as práticas leitoras subsidiadas pela literatura de cordel ajudaram pouco para que estes desenvolvessem práticas leitoras. 6 alunos/as responderam que o cordel ajudou muito para que estes desenvolvessem hábitos leitores prazerosos e reflexivos, já 3 alunos/as afirmaram que o cordel ajudou demais no desenvolvimento com relação ao gosto pela leitura.

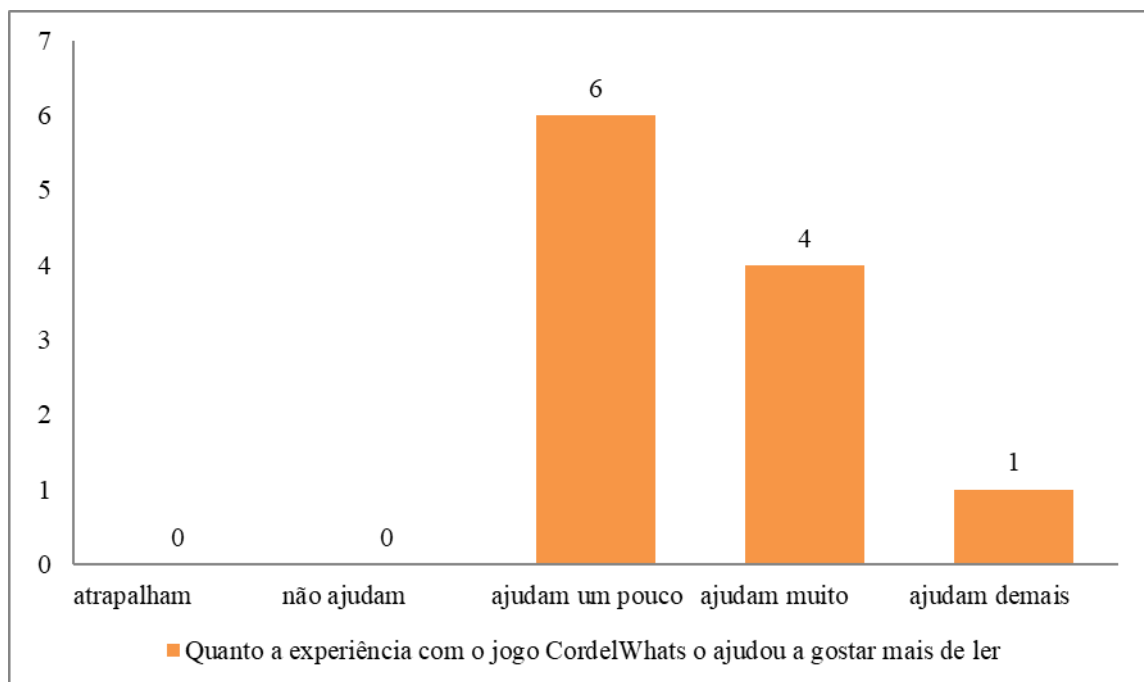
Através desses dados, reafirmamos a importância da poesia cordelística no processo de despertar das maravilhas que a leitura possa proporcionar. Teóricos como Zóboli (1998, p. 56), evidenciam as grandes contribuições que a estética empreendida nas poesias encontradas nos cordéis possa ter na educação, inclusive, estimulando a imaginação e novas atitudes com relação aos alunos/as que não prestam atenção, desrespeitam os professores e que não gostam de estudar, é possível sim o despertar para a educação e para os elementos intrínsecos que a mesma desenvolve nas ações humanas.

Trabalhamos com o uso das tecnologias da informação, no caso, com o jogo CordelWhats, em parceria com os processos educativos. Abordamos o jogo sério também como um elemento que pode despertar o interesse pela leitura e pela escrita para que os/as alunos/as se sintam contemplados/as com a realidade digital, os quais estão bastante

envolvidos com os aparelhos eletrônicos. Para isto, foi desenvolvido o jogo CordelWhats de realidade alternada. Segundo Gross (2003), o trabalho com o jogo em sala de aula deve ser desenvolvido em consonância com os conteúdos abordados pelos educadores, fazendo essa ponte entre o real e o virtual, contextualizando e construindo conhecimento a partir das tecnologias.

Logo após o lançamento do jogo que se articulou ao conteúdo trabalhado em sala de aula sobre transitividade verbal, lançamos a seguinte indagação para que os/as alunos/as pudessem responder: Quanto à experiência com o jogo CordelWhats o ajudou a gostar mais de ler? Obtivemos os seguintes resultados:

Gráfico 2 - Impactos com relação às práticas empreendidas: jogo cordelwhats



**Fonte:** Dados da Pesquisa

O trabalho com o jogo foi menos frequente do que o trabalho com a literatura de cordel, mas, a partir dos seguintes dados, podemos confirmar que o trabalho com o jogo sério é uma grande oportunidade para o estímulo com a leitura através dos recursos digitais que influem opiniões e fascínio para os jovens.

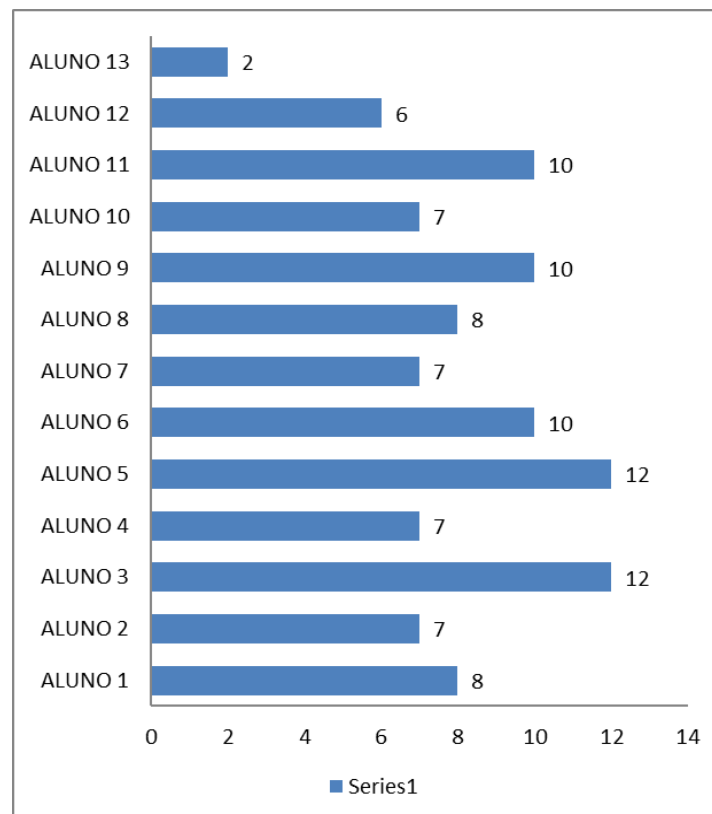
Vejamos: dos 14 alunos/as que frequentam as aulas, 11 alunos/as responderam a pergunta. Dos 11 alunos/as participantes, 6 afirmaram que o trabalho com o jogo CordelWhats ajudou a estimular o gosto pela leitura, já 4 alunos/as afirmaram que o trabalho

com o jogo ajudou muito e 1 aluno/a afirmou que esta nova metodologia ajudou demais para estimular o gosto pela leitura.

O trabalho com o jogo deve acontecer paulatinamente, e estamos cientes de que não se transforma uma realidade de uma hora para outra e, com esses dados, notamos que é um percurso possível para estimular as experiências leitoras em nossos/as alunos/as.

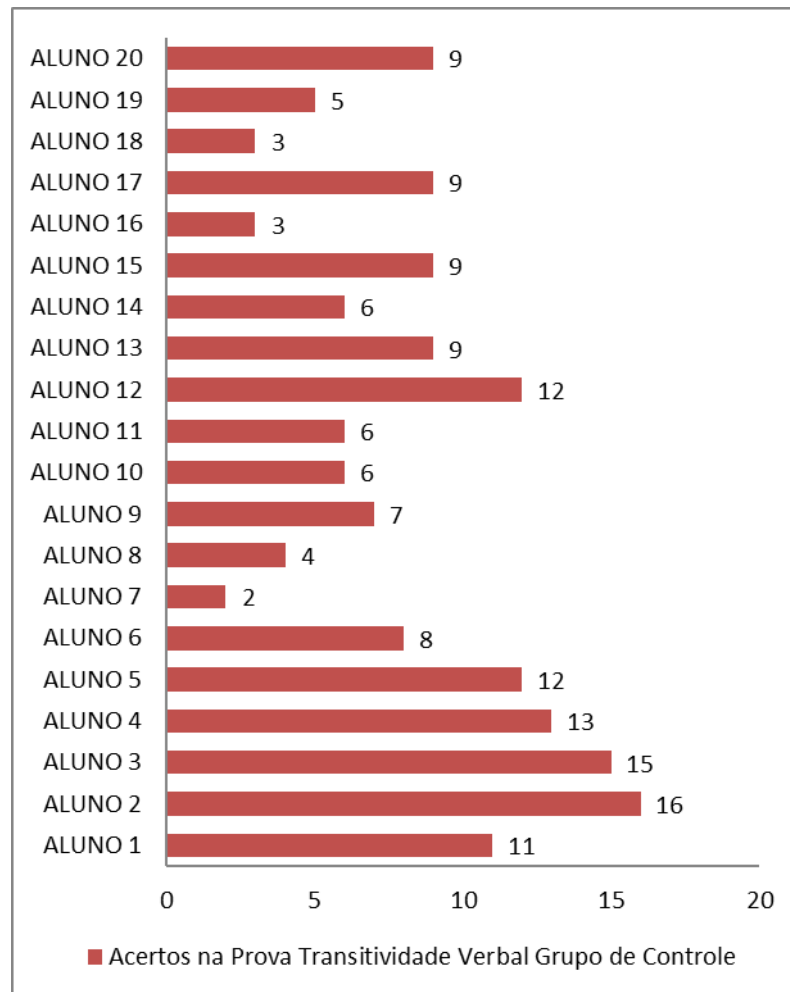
Também foi realizado um estudo comparativo preliminar com os dados que confrontam o desempenho entre o grupo de estudo e o grupo de controle, em relação ao conteúdo Transitividade Verbal. Os folhetos de cordel e o jogo sério CordelWhatts foram desenvolvidos apenas no primeiro grupo (Grupo de Estudo). No segundo grupo, o qual corresponde ao grupo de controle, apenas foram conferidas observações e o trabalho com o mesmo conteúdo programático (Transitividade Verbal):

Gráfico 3 - Resultado: Transitividade verbal (grupo de estudo)



**Fonte:** Dados da Pesquisa

Gráfico 4 - Resultado: transitividade verbal (grupo de controle)



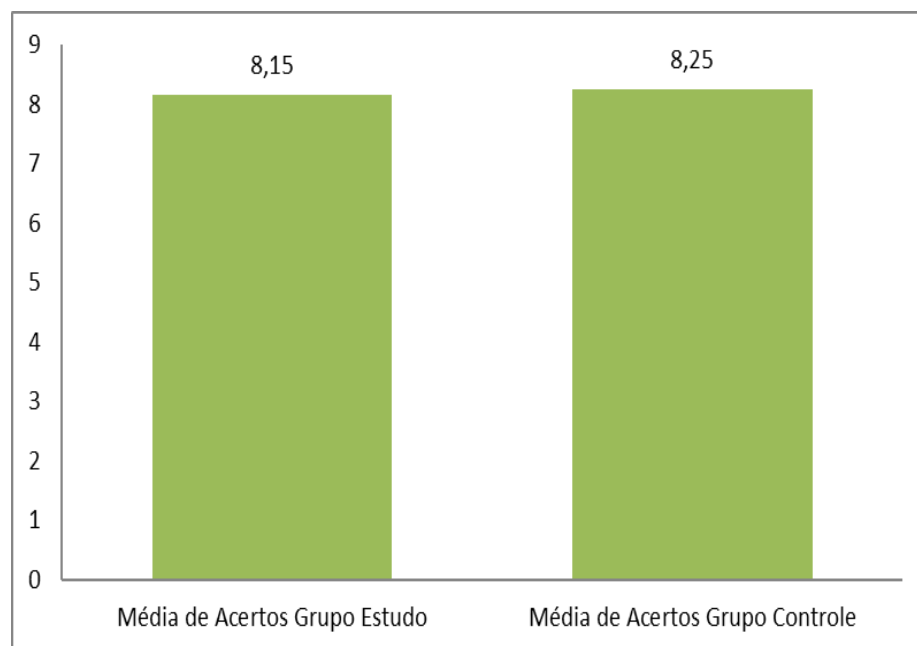
**Fonte:** Dados da Pesquisa

No gráfico 3 trazemos o número de acertos da nanoprova realizada no grupo de estudos. No gráfico 4 apresentamos o número de acertos obtidos pelo grupo de controle. Ao analisarmos os dados obtidos, percebemos um melhor desempenho com relação ao grupo de controle, isto porque, como já explicitado nos relatos correspondentes à experiência, o grupo de estudo é uma turma com muitas dificuldades de aprendizagem, não porque esta seja incapaz, ao contrário, são alunos/as inteligentes para assimilar e desenvolver práticas leitoras e escritas prazerosas, no entanto, a experiência foi profícua, embora, ainda não tenha sido suficiente, visto que a turma é composta por alunos/as faltosos, descompromissados, barulhentos, realidade esta que vem sendo modificada através da nossa experiência. Pode-se comprovar a olhos vistos e no cotidiano escolar um melhoramento sobre o processo participativo dos/as alunos/as, durante o trabalho com o cordel “Os animais têm razão” uma

das alunas pediu para levar o cordel para casa e outros alunos também se interessaram em levá-lo para casa, alunos/as que faziam cara feia quando apresentávamos as atividades da experiência, e, com um tempo, passaram a se engajar e contribuíram satisfatoriamente para que nossas intervenções fossem realizadas. Como já citado, o grupo de estudo vinha sendo acompanhado pela extensão de leitura e escrita da UFCG, e ao observarmos esse percurso em que o projeto foi sendo desenvolvido, notamos que o início foi bem complicado e se o teste tivesse sido aplicado anteriormente a essas práticas de extensão e pesquisa, os dados seriam totalmente negativos, pois, a motivação e o engajamento dos/as alunos/as eram quase nulos, com exceção de duas ou três alunas com desempenho anterior satisfatório.

É necessário pensar outras metodologias para o trabalho com esses jovens, às vezes, os/as professores/as estão muito desmotivados com salários, condições de trabalho ou outras influências e não têm mais gosto pela profissão e acabam esquecendo de inovar em suas metodologias, justamente por encontrarem alunos/as que reagem sempre com negatividade a qualquer trabalho que extrapole os limites da pedagogia tradicional, dificultando assim o desenvolvimento de atividades inovadoras. O grupo de controle é uma turma com alunos/as mais engajados, mas, também tem aqueles que dificultam o processo mais prazeroso da construção do conhecimento, pelo menos, estes se empenham para a realização das atividades é uma turma menos barulhenta, mais organizada.

Gráfico 5 – Média de acertos entre os grupos de estudo e grupo de controle



**Fonte:** Dados da Pesquisa

No gráfico 5 apresentamos a média obtida pelos grupos da pesquisa. Mesmo tendo um número menor de alunos/as participantes, o grupo de estudo ainda manteve uma boa média 8,15 com relação ao grupo de controle que obteve 8,25, possuindo mais variantes favoráveis, como por exemplo: Maior quantitativo de alunos/as, mais participativos e comprometidos, tudo isso influenciando para que os resultados apresentados não fossem ainda melhores para o grupo de estudo. Os 0,10% faltantes na média para equiparar os grupos não foram atingidos por estes e outros fatores que definitivamente não desabonam nem tiram o mérito dos alunos/as que desempenharam dentro das condições oferecidas e por suas próprias posturas individuais as atividades da melhor maneira possível.

## 6 CONCLUSÕES

Este estudo descreveu um experimento com um jogo sério de realidade alternada denominado CordelWhats, baseado em práticas de leitura inovadora de qualquer obra multimodal de cordel, para engajar a população e as escolas na leitura, em geral e em especial, para aumentar o gosto pelo gênero literário Cordel, enquanto se aprende de forma divertida e coletiva um conteúdo da língua portuguesa: a transitividade verbal.

Os dados da avaliação de impactos da experiência de leitura gamificada individuais e coletivas. Além de integrar a plataforma tecnológica acessível à população, o jogo CordelWhats oferece recursos simples e de grande usabilidade para os professores criarem e gerenciarem missões georreferenciadas dos jogadores no mundo real do tipo leitura performática individual ou leitura performática coletiva, criação individual e coletiva de textos multimodais de cordel e aventuras em mundos virtuais disponibilizados no celular do jogador, explorando princípios de *crowdsourcing*, utopia, engenharia de incentivos, gestão do conhecimento, sistemas de informação georreferenciada, e empreendedorismo social em relação aos temas tratados nos textos empregados.

Os resultados dos estudos preliminares apresentados evidenciam que tais recursos do CordelWhats levam os atores a transcenderem seus papéis originais de estudantes e professores para o papel de empreendedores sociais e influenciam positivamente os indicadores de sucesso Gosto pela Leitura e Competências em Transitividade Verbal, definidos por professores e pelos formadores de professores. Experimentos com intervenções de duração mais longa estão sendo realizados para melhor quantizar (colocar em quantidade conhecida numérica, dar um valor numérico a algo, colocar em escala.) estas transcendências e estas influências com seus respectivos significados estatísticos.

Esta experiência de integração entre a diversão, a leitura, a escrita e a análise textual, auxiliada pela gamificação da literatura de cordel e pela tecnologia da informação, na forma de jogos sérios de realidade alternada, foi realizada em consonância com o projeto de extensão Práticas de Linguagem (Leituras e Escritas Criativas), da UFCG/CDSA<sup>5</sup>, que tem o objetivo de desenvolver práticas de ensino de leitura e escritas criativas em escolas públicas de ensino fundamental, no município de Sumé. Como consequência, tem apresentado propostas que possam contribuir para as melhorias das práticas leitoras, subsidiando-se dos mais variados gêneros textuais, a fim de apresentá-los aos alunos atendidos no projeto. O

---

<sup>5</sup> Projeto de Extensão com vigência: 2016.2/2017.1 Universidade Federal de Campina Grande/Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão.



referido projeto de extensão vem sendo desenvolvido desde novembro de 2016, em duas escolas públicas e municipais de Sumé.

Entre os trabalhos futuros que estão sendo desenvolvidos como continuação dessa experiência destacamos:

- 1) Realização de um experimento de longa duração e com mais alunos para fortalecer a hipótese de impactos positivos do jogo sobre os indicadores gosto pela leitura e sobre outros indicadores de competência relacionados à Língua Portuguesa.
- 2) Criação de outros recursos no jogo para explorar características específicas do gênero cordel tais como a estética e a estrutura rítmica da narrativa, a identidade regional e conteúdo temático para potencializar impactos socioculturais sobre as comunidades visadas nas ações de formação de leitores do Curso de Educação Campo do CDSA-UFCG.
- 3) Elaboração de um artigo para publicação científica ainda em 2017.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **Histórias de Cordéis e Folhetos**. Coleção Histórias de Leitura. Campinas: Mercado de Letras/Associação de Leitura do Brasil, 1999.
- AGUIAR, Vera Teixeira de, BORDINI, Maria da Glória. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. 2.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993. p. 83.
- ARIÉS, Phillipe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- BRANDÃO, Adelino. **Crime e castigo no cordel: (crime e pena no folheto de cordel e no romanceiro folclórico do Brasil)**. Rio de Janeiro: Presença, 1991.
- BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. 10ª ed. ver. e ampl. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- CANDIDO, Antonio. Direitos Humanos e literatura. In: A.C.R. Fester (Org.) **Direitos humanos**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- COSTA, Cristiane de Figueiredo. Fenomenologia: Uma discussão acerca da articulação entre Husserl e Gestalt-terapia. **Revista IGV na rede**, V. 7, nº 13, 2010.
- CONCEIÇÃO, Claudia Zilmar da Silva. **A formação do leitor por meio da literatura de cordel**. Campina Grande: Leia Escola, 2016.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. 1921- **A importância do ato de ler**, em três artigos que se completam/Paulo Freire. – São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- FROEBEL, F. **The education of man**. Nova York: D. Appleton, 1912.
- GALVÃO, Ana Maria de O. **Cordel: leitores e ouvintes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- GRAZIOLI, Fabiano Tadeu. **Teatro de se ler: o texto teatral e a formação do leitor**. Ed. Universidade de Passo Fundo, 2007.
- GIL, Antônio Carlos. **Como classificar as pesquisas**. 2002. Disponível em: <http://www.madani.adv.br/aula/Frederico/GIL.pdf>. Acesso em 01 de Set de 2017.
- GOMES, Carlos Magno. **A formação do leitor por meio da literatura de cordel**. Campina Grande: Leia Escola, 2016.
- JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Linguística textual: uma entrevista com Ingedore Villaça Koch. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**. – ReVEL. Vol. 1, n.1, agosto de 2003. ISSN 1678 – 8931 [WWW.revel.inf.br]. \_\_\_\_\_. **O texto e a construção dos sentidos**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2000.
- KISHIMOTO, T.M. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Pioneira, 1994. 60 p.
- MORAIS, José. **A arte de ler**. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP, 1996.
- MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012. (Coleção trabalhando com... na escola).
- NEVES, Iara Conceição Bitencourt; SOUZA, Jusamara Vieira; SCHÄFFER, Neiva Otero et al. (orgs.). **Ler e Escrever: compromisso de todas as áreas**. 8. ed. Porto Alegre:

Editora da UFRGS, 2007.

OSAKABE, H.; FREDERICO, E. Y. **Literatura**. Orientações curriculares do ensino médio. Brasília: MEC/ SEB/ DPPEM, 2004.

OLIVEIRA, Eliana Kefalás. *Leitura, voz e performance no ensino de literatura*. 2010

POPPER, Karl. **Em busca de um mundo melhor**. Lisboa: Fragmentos, 1992.

PRENSKY, Marc. *Digital Natives, Digital Immigrants*. MCB University Press, 2001.

PINHEIRO, Hélder; LÚCIO, Ana Cristina Marinho. **Cordel na sala de aula**. São Paulo: Duas cidades, 2001. (Coleção Literatura e ensino; v 2).

PRENSKY, Marc. *Digital Natives, Digital Immigrants*. MCB University Press, 2001.

PROTOPSALTIS Aristidis, PANNESE Lucia, PAPPAS Dimitra e HETZNER Sonia. (2011). **Serious Games and Formal and Informal Learning**. Disponível em:

<http://elearningpapers.eu/en/article/Serious-Games-and-Formal-and-Informal-Learning>.

Acesso em: 11 ago. 2017.

ROSSETO, Robson. A estética da recepção: o horizonte de expectativas para a formação do aluno espectador. **Anais**. Encontro do Grupo de Pesquisa Arte, Educação e Formação Continuada, 2 de dezembro de 2010. – Curitiba: Faculdade de Artes do Paraná.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **Leitura em curso**. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

SOUSA, Maria Isabel Amphilô Rodrigues. *Literatura de cordel lusitana e a literatura De folhetos nordestina*. Resenha 2002. Disponível em: <http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista10/res%20livros%2010-5.htm> Acesso em: 04 ago. 2017.

VILLARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler: formando leitores para a vida inteira**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1999.

VIDAL, Costa Thalyta. *O texto dramático e o folheto de cordel: A literatura Popular em sala de aula*. Programa de Pós-graduação da UFCG em linguagem e ensino. 2017

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Trad. Caio Meira. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. (Tradução de Caio Meira). São Paulo: Difel, 2007.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ZÓBOLI, Graziella. **Práticas de ensino: subsídios para a atividade docente**. São Paulo: Ática, 1998. 149p.

TRAMONTIN, Marineuza Câmara. **A importância da leitura na Alfabetização**. Tese apresentada ao curso de pós-graduação: Especialização em Língua e Literatura com ênfase nos gêneros do discurso. Criciúma, Fevereiro de 2009.